

Equipes de Nossa Senhora
Equipes Notre-Dame • Teams of Our Lady • Equipos de Nuestra Señora
Equipas de Nossa Senhora • Ehegruppen E. N. D.

HOMEM E MULHER ELE OS CRIOU

*Reflexão cristã
sobre a sexualidade*

© Equipe Responsável Internacional
Janeiro 2005

A Equipe Responsável Internacional não autoriza nenhum grupo de casais, que não seja admitido no Movimento, a intitular-se "**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**".

Este documento é de uso interno do Movimento das Equipes de Nossa Senhora

Responsabilidade:

Equipe da Super-Região Brasil
R. Luis Coelho, 308 • 5º andar • cj 53
cep 01309-000 São Paulo - SP
Fone: (0xx11) 256.1212 • Fax: (0xx11) 257.3599
www.ens.org.br • secretariado@ens.org.br

Imagem de capa

© Museu Rodin – Paris
Foto de: Bruno Jarret, Edições Pierre Terrail – Paris, 1992

Versão Brasileira:

Colaboração de Monique e Gerard Duchêne

Edição e Produção:

Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.
R. Turiassu, 390 - 11º andar, cj. 115
São Paulo - SP
Fone: (11) 3875.3911
www.novabandeira.com.br
novabandeira@novabandeira.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação:

Alessandra Carignani

“A mão de Deus”

Auguste Rodin (1840-1917)

Número de inventário S 988

Mármore esculpido por Soudbinine em 1916 ou 1917

94 x 82,5 x 54,9 cm

Ao modelar esta obra audaciosa, Rodin rompe totalmente com toda espécie de composição tradicional e adota uma forma que se dirige diretamente à imaginação. A mão que amassa poderosamente a matéria de onde surge o ser criado é a divindade que do nada faz emergir a humanidade; é também a imagem simbólica do artista que inventa um mundo. Rodin possuía um profundo conhecimento da arte da Idade Média e da Renascença. Foi possível determinar que a Mão de Deus tem origem num estudo de mão utilizado para duas personagens do grupo Os Burgueses de Calais, cujos gestos evocam o desespero e o adeus. É um exemplo particularmente interessante da capacidade de Rodin de dar significados completamente diferentes a obras constituídas de elementos comuns.

Extraído do site da Internet do Museu Rodin

<http://musee-rodin.fr>

77 rue de Varenne – 75007 Paris

Tel.: 01 44 18 61 10

APRESENTAÇÃO

A Equipe da Super-Região apresenta aos equipistas do Brasil, com imensa alegria, a edição brasileira do livro “*Homem e mulher Ele os criou: reflexão cristã sobre a sexualidade*”.

A idéia de publicar a tradução do original “L’homme et femme: il les créa” vem de algum tempo. Nasce no seio da própria Equipe da Super-Região, a partir do contato com o livro francês e com a sua tradução editada em Portugal (2003). Sua concretização está ligada à caminhada do Movimento nos últimos anos.

Neste início de Milênio, o impulso missionário que anima a Igreja impele os fiéis a viverem uma espiritualidade apostólica que se valoriza como expressão do amor. Nas Equipes de Nossa Senhora, a partir do Encontro Internacional de Compostela, esse impulso manifesta-se na prioridade de reflexão “Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo” que orientará a vida do Movimento até 2006. Nesse contexto o Brasil lança as suas Orientações para 2005 privilegiando a temática “sexualidade e abnegação”.

O esforço para viver cristãmente a plenitude da sexualidade não é novidade no seio das Equipes de Nossa Senhora. Desde os seus primórdios, os casais equipistas enfrentaram a dura realidade de romper com o dualismo que separou “espiritualidade e sexualidade”. Tampouco é estranho aos equipistas a dura realidade dos dias atuais, em que a chamada “revolução sexual” reduz a sexualidade ao desejo físico e a genitalidade.

Julgamos oportuno lembrar a manifestação histórica da ERI, ao lançar a Segunda Inspiração, em 1988, referindo-se ao auxílio oferecido pelo Movimento aos seus casais quanto à vivência da sexualidade:

*“O Movimento não aprofundou suficientemente o sentido humano e o sentido cristão da sexualidade, em consequência, não ajudou aos casais a compreenderem e a viverem a dimensão sexual da espiritualidade conjugal”.**

A modernidade (e pós-modernidade) transformou a cultura das relações entre homem e mulher marcando profundamente o sentido e o valor atribuídos à vida, a forma de promover o crescimento pessoal e a própria vivência da religiosidade. Por isso, é de suma importância uma experiência espiritual que inclua a colaboração construtiva da sexualidade, uma vez que esta caracteriza o homem e mulher tanto no plano físico como em todas as suas expressões, inclusive nos planos psicológico e espiritual. Em especial, a espiritualidade conjugal deve contemplá-la com o propósito de ajudar os casais a melhor compreenderem o sentido humano e cristão da sexualidade e assim promover a comunhão de amor que se estabelece numa relação entre cônjuges que se abrem aos desígnios de Deus.

Incluindo “Homem e mulher Ele os criou” na lista de indicações para o tema de 2005, oferecemos aos equipistas brasileiros a contribuição do próprio Movimento uma vez que esta obra, na sua origem, pretende resgatar e aprofundar as conclusões do Projeto Evangelizar a Sexualidade, editado no Brasil em 1995.

Também pretendemos com isso dar a nossa contribuição a um antigo apelo lançado pelo Pe. Caffarel na Lettre Mensuelle, de outubro de 1968:

“Já é tempo de saírem do mutismo os casais que atingiram uma vida conjugal equilibrada, para que se possa estudar a sexualidade a partir da saúde e da santidade que ela pode atingir, e não a partir das suas doenças, enfermidades ou desordens”.

Desejamos que este tema leve os casais a mergulhar no mistério do amor conjugal e os ajude a desvendar a extraordinária possibilidade de santificação do seu amor em todos os domínios da relação conjugal. Possam, assim, alcançar a graça de experimentar toda a alegria e força que emana da presença de Cristo no amor vivido no sacramento do Matrimônio.

Equipe da Super-Região

* ENS. **Evangelizar a sexualidade**: reflexão das Equipes de Nossa Senhora sobre a sexualidade (Preâmbulo) Edição Brasileira - São Paulo, 1995.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. “Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe” (Gn 2,24) O encontro nos cria	11
2. “E eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24) Do carnal ao espiritual	21
3. “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31) O ato sexual é bom	33
4. “O teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará” (Gn 3,16) Construir juntos uma sexualidade harmoniosa	47
5. “O que Deus uniu, o homem não separe” (Mt 19,6) Juntos para sempre: a fidelidade	57
6. “Cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio” (Rm 14,12) A consciência	69
7. “Sede fecundos” (Gn 1,28) Dar fruto: a fecundidade	79
8. “Glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Cor 6,20) O vosso corpo é templo do Espírito Santo	97
Bibliografia	110

INTRODUÇÃO

“Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nela a vocação ao amor e à comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes. O amor é, portanto, a fundamental e original vocação do ser humano.” (João Paulo II, Exortação Apostólica Familiaris Consortio, 11)

Vivemos como casal esta vocação fundamental. Retomando as palavras que o Papa Paulo VI dirigiu às Equipes de Nossa Senhora a 4 de Maio de 1970, “é todo o ser que participa dessa vocação, nas profundezas do seu mistério pessoal, das suas componentes afetivas, sensíveis, carnis, bem como espirituais, até constituir cada vez melhor aquela imagem de Deus que o casal tem por missão encarnar ao longo do tempo, tecendo-a com as suas alegrias e com as suas provações, porque é verdade que o amor é mais do que o amor. (...) O cristão sabe que o amor humano é bom pela sua origem, e se é, como tudo no homem, ferido e deformado pelo pecado, encontra em Cristo a sua salvação e a sua Redenção.”

Inscribendo-se nessa perspectiva de salvação, este tema propõe que cada casal cristão descubra com admiração que, logo nas origens, Deus uniu no mesmo ato a expressão do amor do homem e da mulher e o poder de dar a vida. Assim, cada um será convidado a deixar-se interpelar, pela Palavra de Deus e pela Igreja, a formar a sua consciência relativamente a estas questões tão delicadas e tão essenciais, a fim de ultrapassar a problemática do permitido e do proibido.

Como escrevia o Pe. Bernard Olivier op, na conclusão do estudo “Evangelizar a sexualidade”¹ realizado em 1991 e 1992 pelas Equipes de Nossa Senhora, impõe-se à Igreja uma das tarefas mais importantes: “formar cristãos adultos responsáveis, capazes de decidir por si próprios no respeito pelos valores morais”. Esta tarefa está no centro da pedagogia do Movimento

das Equipes de Nossa Senhora.

Este tema, a ser estudado em casal e em equipe durante 8 reuniões, pretende ser uma aplicação nesta área particular, rica e sensível, que é o amor conjugal em todas os seus componentes, principalmente na sua dimensão mais íntima, a sexualidade. Tudo isto passa, evidentemente, pelo diálogo entre o casal, que poderá tomar a forma de um frutuoso “dever de sentar-se”.

O percurso proposto é o seguinte:

- Capítulo 1: o encontro nos cria
- Capítulo 2: a Palavra nos interpela acerca da sexualidade
- Capítulo 3: a beleza do ato sexual
- Capítulo 4: as dificuldades da sexualidade
- Capítulo 5: a fidelidade
- Capítulo 6: a consciência
- Capítulo 7: a fecundidade
- Capítulo 8: a santificação do nosso amor

Em cada capítulo encontraremos:

- testemunhos
- elementos de reflexão
- questões a debater em casal e em equipe
- um ou vários textos de acompanhamento.

1. “Evangelizar a sexualidade”: Uma equipe internacional formada por membros das Equipes de Nossa Senhora reuniu e resumiu as respostas de 11.000 equipistas do mundo inteiro que tinham aceitado estudar este tema, proposto pelo Movimento na linha do Segundo Alento (Segunda Inspiração) lançado em Lourdes em 1988, e responder às perguntas formuladas; fora garantido o anonimato das respostas e puderam exprimir-se com toda a liberdade.

O Cântico dos Cânticos*

“É um cântico de amor dialogado. Duas vozes principais — a do homem e a da mulher — se alternam para falarem do desejo, da busca apaixonada do outro, da admiração diante da sua beleza, da dor da ausência, da alegria da mútua pertença, dos fugidios instantes de felicidade. As maravilhas da Criação são convocadas para exprimir a força do amor: a delicada beleza das plantas, a benfazeja sombra das árvores, o odor saturante dos perfumes, as delícias dos jardins, a doçura dos frutos, a frescura pura das nascentes e das fontes, o esplendor das pedras preciosas, a graça dos animais, a embriaguez do vinho. Todo o Cântico está imerso numa atmosfera sensual. Mergulhados no esplendor da Criação anterior à queda, eis-nos, como Adão e Eva, hóspedes do jardim das origens.

Desse canto de amor por excelência (a repetição da palavra cântico indica um superlativo) foram feitas diversas interpretações: amor entre Deus e Israel, entre Cristo e a Igreja, leitura mística... As várias leituras não se excluem. Em todo caso, o Cântico mostra-nos que a Bíblia não receia cantar o amor humano e fazer dele a linguagem suprema da revelação divina, o que, conseqüentemente, confere a este amor uma grande dignidade e um grande valor. O amor e a sexualidade não são realidades más nem vergonhosas, uma vez que são adequadas para falar de Deus e do seu plano de amor para o homem”.

(Jacques de Longeaux, *Amour, Mariage et Sexualité*,
Ed. Mame / Le Cerf, p. 64)

•••

No fim do livro, é proposta uma bibliografia, não exaustiva, mas cujos elementos poderão fornecer esclarecimentos nos campos psicológico ou fisiológico ou ainda no que diz respeito à medicina.

* Cântico dos Cânticos, tradução do hebraico na Bíblia de Jerusalém.



Capítulo 1

“POR ISSO O HOMEM DEIXA SEU PAI E SUA MÃE” (GN 2,24)

O encontro nos cria

Testemunhos

“O início, exaltação, descoberta, novidade e facilidade. É uma lufada de oxigênio ou de grisu! Uma maravilha, com o desejo louco de união corporal, mas também onde tudo está envolvido: a profissão, a responsabilidade, a vida conjugal... no amor nada é melhor do que o início. Mas depois há que recomeçar... com o mesmo cômjuge.”

“Quando somos amados, somos reconhecidos pelo outro. Isto é muito importante para avançarmos, para nos realizarmos e para termos confiança em nós mesmos.”

“Lembro-me de um pequeno aperto no coração quando deixei os meus pais e, sobretudo, os meus irmãos mais novos.”

Elementos de Reflexão

O ser humano realiza o seu destino na relação: “Ninguém é uma ilha que se baste a si própria”, disse John Donne², “todo homem é uma parcela de continente, uma parte do todo”: presta contas a um, é responsável por outro; assim, ninguém pode trabalhar pelo seu auto-desenvolvimento sem prestar atenção ao vizinho. A autonomia implica não o individualismo em que cada um faz as suas escolhas sozinho e por si mas a capacidade de responder pelos seus atos, antes de mais nada perante si próprio mas também perante os outros: a pessoa humana não pode encontrar em si mesma o sentido da vida; tem necessidade de alimentar o seu desejo de viver, de ser reconhecida, acolhida e aceita pelos outros. Estamos inseridos num tecido complexo de

2. Poeta metafísico inglês do século XVII.

relações que começa logo no primeiro instante da nossa existência no seio materno. Nunca estamos sós; nem mesmo uma pessoa solitária pode viver sem contato com outrem, quanto mais não seja em sonhos, em recordações, por antecipação... Esse outro, “que vem de alhures”, para nós que somos cristãos, é o Absolutamente Outro, o próprio Deus.

Amo-te, porque preciso de ti

O desejo de encontrar prazer no encontro com o outro está na origem de toda a pulsão sexual. Resume-se nesta frase: Amo-te, porque preciso de ti. Este desejo é a expressão de uma necessidade vital física, do medo da solidão, da preocupação de preencher um vazio.

Quem é a mulher ou o homem que não se lembra do seu primeiro encontro amoroso? Deslumbrante ou lentamente amadurecido, comoveu o coração, mudou os olhares e os gestos, alterou o próprio ritmo da vida: ela, que só se sentia bem no coração da grande cidade, encontra de repente tempo para um passeio com ele no bosque ou na serra; ele, que não passava sem a sua moto ou seu carro, passa a noite no trem sem outra razão senão a de passar um dia na companhia daquela que adora. Pouco importa quem fez o primeiro gesto ou quem disse a primeira palavra, nada parece faltar à felicidade, o resto do mundo desaparece — dando ou recebendo, sou livre para me afirmar e para desabrochar. Eis-me finalmente adulto, eu mesmo, sem sombras.

Nesta primeira fase do encontro amoroso, pouco importa que o outro me conheça ou não verdadeiramente; para mim, o essencial é ser valorizado por ele. Eu é que sou importante. Na história, o sapo diz à princesa: “Não quero pérolas nem diamantes, basta que me aceites como sou”. Mas esta busca de comunhão com aquele ou aquela por quem sentimos simpatia pode tornar-se angustiante. Quem não sofreu os tormentos nascidos da indiferença, dos silêncios, do ciúme, da rejeição? Na verdade, quando um homem e uma mulher se encontram, acontece por vezes, mesmo que nunca se tenham visto antes, terem a impressão de

se conhecerem desde sempre; e, no entanto, o desejo que os impele um para o outro remete-os sem cessar para si mesmos.

Assim, a atração física não basta para prolongar indefinidamente o encanto da primeira paixão amorosa, apesar do desejo dos que a vivem de fazê-lo durar eternamente. A duração transforma o prazer de estar apaixonado e, por vezes, o corrói. Surgem as diferenças. Se a reciprocidade dos impulsos amorosos é, no início, fonte de descoberta e de enriquecimento, em breve corre o risco de se tornar causa de desencanto, não só pelas diferenças anatômicas dos nossos corpos ou dos defeitos que se revelam, mas porque o outro manifestamente não vive no mesmo planeta. Aqui e agora estamos bem juntos; mas, ao aprofundarmos o conhecimento do outro, descobrimos os traços que nos separam, as diferenças e as divergências: o outro não vê o mundo, os acontecimentos, o futuro e a felicidade com os mesmos olhos que nós.

As nossas sensibilidades são diferentes, não fomos educados da mesma maneira. Adão desiludido poderia dizer: “Esta não é osso dos meus ossos nem carne da minha carne”. Irá ele ficar na sua decepção, ou será que o amor o fará descobrir a capacidade de dar um passo adiante? Esta é a questão crucial que se coloca nesta primeira fase do encontro amoroso. Estamos ainda longe da escolha responsável que consiste em reconhecer o outro como estranho, em lhe dar o direito de fazer as suas próprias escolhas, ter a sua sensibilidade e os seus gostos, ter a sua própria percepção da realidade e fazer as suas opções no mundo em que vive.

Como posso conhecer-te, se não és como eu?

O respeito pelo outro, em toda a amplitude da expressão, é o desafio que resulta da primeira decepção e que deflagra a segunda etapa. Algumas pessoas reagem ao fato de o outro ser diferente evitando o que consideram uma perigosa ilusão da juventude ou trocando de parceiro por julgarem encontrar o segredo da felicidade na busca de um prazer sem limites. Esgotam-se a procurar o desabrochar da sua personalidade na fruição do instante.

O “Eu” é incontornável: eu sou um ser singular. A minha própria história afasta-me daquele para quem me sinto atraído com o coração e com os sentidos. É o limite de toda relação amorosa, relação particularmente frágil dentre todas as formas de relações humanas, porque fortemente carregada de emoções.

A alteridade — o fato de o outro ser justamente outro, o próprio fundamento da sexualidade — faz surgir essa tensão dolorosa que resulta da impossibilidade de eliminar a diferença radical homem-mulher (eu-tu). O desejo de fusão colide com o reconhecimento do caráter ilusório de uma harmonia total. Estamos prontos a dar na medida em que somos recompensados. Assim que o fascínio dos sentidos se atenua, já não resta senão a satisfação das necessidades vitais. O que se procura não é a abertura, não é ser dom para um outro, mas a segurança do complemento ao que nos falta: aqui, agora e já. Apesar do sedutor atrativo da reciprocidade, o medo da perda das fronteiras individuais impede a convivência profunda do casal.

A comunicação amorosa torna-se, então, deficiente: sentimos aquele que toma lugar na nossa existência ao mesmo tempo como fonte de prazer e como obstáculo à nossa segurança interior. Para que a relação progrida, é preciso que quem ama aceite que o ser amado seja diferente de si próprio.

Por um lado, estou apaixonado e não posso voltar atrás e, por outro, ainda não estou preparado para ligar para sempre o meu destino ao de outra pessoa, com medo de perder o que tinha pensado encontrar: a segurança e um espaço de liberdade.

Não posso fazer de conta que não existes

O outro, o ser amado, chama à responsabilidade. A educação dos pais tem a preocupação de dar sentido a este desejo sexual, e nós o interpretamos como a expressão de uma vontade de partilhar tudo, o ser e a relação. Nos nossos dias, a mudança dos costumes numa sociedade plural — em que a vida sexual está libertada das leis naturais da vida reprodutiva — faz com que já não se admita a forma de relação do casal regida pela obrigação moral ou pela má consciência. É preciso passar de

uma solidariedade de fato, fundada no sentimento, a uma solidariedade fundada numa decisão de natureza moral expressa por um compromisso e por gestos livres.

Aqueles que se amam, conscientes da distância que os separa, estão prontos a aceitar-se mutuamente, a descobrir-se, a levantar o véu dos tabus. Atualmente, o maior impedimento à aproximação dos que se amam reside na presunção daquele que se impõe em prejuízo do outro e julga poder transformá-lo. Brincando de falso samaritano, longe de valorizar o outro, corre o risco de reduzi-lo a um objeto que, como um espelho, reflita a sua própria imagem.

Em vez de adular a imagem ideal de si e os seus fantasmas, cada um no casal, para progredir, vai ter que abandoná-los e saber aceitar essa perda de posse sem medo de perder o domínio sobre o outro. O meu próximo é aquele que me ajuda a ser eu mesmo. Com toda a liberdade, um conduz o outro à autonomia: cada um respeita a originalidade do outro, os seus carismas e os seus privilégios, as suas fraquezas e as suas carências.

O percurso dos que se amam suscita a curiosidade em cada um de descobrir o jardim secreto do outro. Deixando-se cativar como a raposa do Pequeno Príncipe³, pode-se abandonar o receio de ser explorado; adquire-se a audácia de enfrentar os riscos do imprevisível e do desconhecido. Pode-se renunciar à proteção paterna, deixar a casa dos pais para ir viver na sua própria geração e alegrar-se com a alteridade do outro: a sua diferença já não é uma ameaça, mas uma fonte de curiosidade e de ternura. Consente-se que o outro tome a liberdade de falar na primeira pessoa do singular. Assim, pela sua intervenção e na ternura, cada um leva o outro a descobrir a sua identidade real, a sua masculinidade ou a sua feminilidade, e a afirmar-se na franqueza dessa intimidade. “O eu desperta pela graça do tu”, diz Marie Balmory⁴.

Porque o homem e a mulher se tornaram sujeitos autônomos,

3. Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe.

4. Marie Balmory: psicanalista cristã.

“comendo cada um, sem falsos pudores, o seu naco de pão e bebendo da sua taça”⁵, assumindo e respeitando inteiramente as suas diferenças, a sua aliança já não depende das contingências do desejo, de princípios morais, sofridos ou não integrados com as opções de uma sociedade tecnológica e plural fortemente marcada pelo imperativo de somente dar na medida em que se recebe.

Preciso de ti, porque te amo

É a última fase do encontro amoroso, a da autonomia, do desprendimento atencioso e da solicitude sem nada esperar. Avançando no caminho que escolheram, os que se amam podem deixar-se arrastar confiantemente por uma dinâmica em cujo desenvolvimento já não receiam perder o domínio. Podem, afinal, conhecer-se na paixão amorosa, ou seja, nascer juntos no abraço, sair de si próprios para partirem a dois para o futuro, semelhantes, mas diferentes. É a metamorfose da realização do desejo que nos faz entrever o absoluto: “O absoluto só se pode atingir pelo amor, seja ele divino ou humano”⁶.

O amor vivido desta forma permite que o eu venha à tona. Eu posso viver e deixar-te viver, posso desfrutar dos sentidos, mas deixo-te espaço para desabrochares; tu para mim és precioso(a), porque te amo. Só nos tornamos realmente nós mesmos graças ao amor do outro.

Nós, cristãos, que referências encontramos na fé para explicar este esforço que permite o crescimento de uma relação de duas pessoas completamente diferentes numa comunhão de amor?

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Que lembramos do nosso primeiro encontro? (Cada um pode contar a sua versão por escrito e, depois, partilharem). De que natureza são as recordações que emergem deste olhar

5. Khalil Gibran: escritor libanês (1883-1931).

6. Jacques de Bourbon-Busset, membro da Academia Francesa.

- para trás e quais as emoções que as acompanham?
- De que maneira esse encontro provocou em nós alguma mudança? Antes de encontrar o outro, para quem ou para que se dirigiam os nossos interesses?
 - Percebo todos os dias (talvez várias vezes por dia) que o meu cônjuge é diferente de mim, ora príncipe (princesa) ora sapo... Quais são as cadeias que nos impedem de nos voltarmos para o futuro numa atitude de confiança total? Como conciliamos as exigências de uma profunda harmonia amorosa com um grande respeito pelo outro? Como reagimos ao fato de que a vida a dois nos suscita renúncias, por vezes difíceis, e em que o nosso projeto comum pode ser fonte de plenitude?

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Podemos começar por uma co-participação acerca do nascimento do amor que nos une: como passamos do encantamento dos primeiros dias ao compromisso no sacramento do matrimônio?
- O encontro com o nosso cônjuge pode mudar as nossas relações com os outros. Como?
- De que maneira nós, como casal, somos aceitos com nossos valores, por aqueles que nos cercam? Sentimo-nos apoiados ou desencorajados?

Oração

Texto para a oração - Jo 1,35-51 :

No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois dos seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: “Eis o cordeiro de Deus.”. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus.

Jesus voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: “Que estais procurando?”. Disseram-lhe: “Rabi (nome que, traduzido, significa Mestre), onde moras?”. Disse-lhes: “Vinde e vede”. Eles foram e viram onde morava, e permaneceram com Ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente.

André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que, tendo ouvido as palavras de João, o haviam seguido. Encontrou primeiramente Simão, seu irmão, e lhe disse: “Encontramos o

Messias” (que quer dizer Cristo). E conduziu-o a Jesus. Fitando-o, disse-lhe Jesus: “Tu és Simão, filho de João; chamar-te-ás Cefas” (que quer dizer Pedra).

No dia seguinte, Jesus resolveu partir para a Galiléia e encontrou Filipe. Jesus lhe disse: “Segue-me”.

Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.

Filipe encontrou Natanael e lhe disse: “Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré”. Perguntou-lhe Natanael: “De Nazaré pode sair algo de bom?”. - “Vem e vê!”, respondeu-lhe Filipe.

Jesus viu Natanael que se aproximava e disse a seu respeito: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento”. “De onde me conheces?” perguntou-lhe Natanael. - “Antes que Filipe te chamasse, respondeu-lhe Jesus, eu te vi, quando estavas sob a figueira.” Então exclamou Natanael : “Rabi, tu és o Filho de Deus, és o Rei de Israel”. Respondeu Jesus: “Crês, só porque te disse: ‘Eu te vi sob a figueira?’ Verás coisas maiores do que estas”. E disse-lhes: “Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

Textos de acompanhamento

A voz do meu Amado

A voz do meu amado! Vejam:

vem correndo pelos montes, saltitando nas colinas!

Como um gamo é meu amado... um filhote de gazela.

Ei-lo postando-se atrás da nossa parede, espiando pelas grades, espreitando da janela.

Fala o meu amado e me diz:

levanta, minha amada. Formosa minha, vem a mim!

Vê o inverno: já passou! Olha a chuva: já se foi!

As flores florescem na terra, o tempo da poda vem vindo, e o canto da rola está-se ouvindo em nosso campo.

Cântico dos Cânticos, 2, 8 a 12

A pessoa, a comunhão e o dom

(Trechos da Encíclica *Mulieris Dignitatem*, 7)

Penetrando com o pensamento no conjunto da descrição do Gênesis (Gn 2,18-25) e interpretando-a à luz da verdade sobre a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27), podemos compreender ainda mais plenamente em que consiste o caráter pessoal do ser humano, graças ao qual ambos — o homem e a mulher — são semelhantes a Deus. Cada homem, com efeito, foi criado à imagem de Deus enquanto criatura racional e livre, capaz de conhecê-lo e de amá-lo. Lemos também que o homem não pode existir “só” (cf. Gn 2,18); pode existir somente como “unidade dos dois”, e portanto, em relação a uma outra pessoa humana. Trata-se de uma relação recíproca: do homem para com a mulher e da mulher para com o homem. Ser Pessoa à imagem e semelhança de Deus comporta, pois, também um existir em relação, em referência ao outro “eu”. Isto prelude a definitiva auto-revelação de Deus uno e trino: unidade viva na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

No início da Bíblia, não se ouve ainda dizer isto diretamente. Todo o Antigo Testamento é sobretudo a revelação da verdade sobre a unicidade e a unidade de Deus. Nesta verdade fundamental sobre Deus o Novo Testamento introduzirá a revelação do mistério imperscrutável da vida íntima de Deus. Deus, que se dá a conhecer aos homens por meio de Cristo, é unidade na Trindade: é unidade na comunhão. Desse modo lança-se uma nova luz também sobre a semelhança e imagem de Deus no homem, de que fala o Livro do Gênesis. O fato de o homem, criado como homem e mulher, ser imagem de Deus não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus, enquanto ser racional e livre; significa também que o homem e a mulher, criados como “unidade dos dois” na sua comum humanidade, são chamados a viver uma comunhão de amor e, desse modo, a refletir no mundo a comunhão de amor que é própria de Deus, pela qual as três Pessoas se amam no íntimo mistério da única vida divina. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só Deus pela unidade da divindade, existem como pessoas pelas imperscrutáveis relações divinas. Somente assim se torna compreensível a verdade que Deus em Si mesmo é amor (cf. 1 Jo 4,16).

A imagem e semelhança de Deus no homem criado como homem e mulher (pela analogia que se pode presumir entre o Criador e a criatura) exprime, portanto, também a “unidade dos dois” na comum humanidade. Esta “unidade dos dois”, que é sinal da comunhão interpessoal, indica que na criação do homem foi inscrita também uma certa semelhança com a comunhão divina (communio). Esta semelhança foi inscrita como qualidade do ser pessoal dos dois, do homem e da mulher, e, conjuntamente, como uma chamada e um empenho. Na imagem e semelhança de Deus, que o gênero humano traz consigo desde o “princípio”, radica o fundamento de todo o “ethos” humano: o Antigo e o Novo Testamento irão desenvolver esse “ethos”, cujo vértice é o mandamento do amor.

Na “unidade dos dois”, o homem e a mulher são chamados, desde o princípio, não só a existir “um ao lado do outro” ou “juntos”, mas também a existir reciprocamente “um para outro”.

João Paulo II

Um encontro

Um encontro é coisa rara e maravilhosa:
Presença de uma pessoa a outra,
Presentes um ao outro,
Enquanto a vida flui de um para o outro.
Mas podemos estar juntos sem nos encontrarmos.
Podemos viver na mesma casa dia após dia,
Sentarmo-nos à mesma mesa,
Ajoelharmo-nos no mesmo banco,
Ler os mesmos livros,
Sem nunca nos encontrarmos.
Um encontro é coisa rara e maravilhosa,
Presença de uma pessoa a outra,
Presentes um ao outro,
Enquanto a vida flui de um para o outro.

Jean Vanier

Capítulo 2

“E ELES SE TORNAM UMA SÓ CARNE” (GN 2,24)

Do carnal ao espiritual

Testemunhos

“A consciência de uma comunidade espiritual e de uma felicidade completa que se adquire nos momentos de plenitude sexual ajuda a compreender melhor a imagem de um Deus que é todo dom e acolhida, pois a nossa espiritualidade conjugal exprime-se por intermédio dos nossos corpos, tal como o Verbo de Deus se serve da sua humanidade para nos revelar o amor de Deus.”

“Tenho sentido com acuidade a alegria de acolher a sua presença em mim, de ser invadida pela sua vida, de já não saber onde está o limite entre um e outro, de vibrar ao mesmo ritmo e de conhecer com ele esse momento de inefável felicidade, feito, sem dúvida, de prazer carnal, mas ultrapassando-o em muito para englobar a totalidade dos nossos seres tornados uma só carne.

E no próprio âmago desse prazer, ou melhor, dessa alegria, Tu me falaste novamente de Ti, Senhor! Também Tu, como Tu próprio no-lo disseste, desejas unir-Te a nós através do nosso corpo. Quiseste dar-Te em alimento pelo pão e pelo vinho da Eucaristia: não será para derramar a tua vida no mais íntimo de nós e vivificar com a tua seiva a totalidade do nosso ser?”

“As nossas educações humana e religiosa apagaram o nosso corpo e ensinaram-nos, se não a desprezá-lo, pelo menos a reprimi-lo. Temos progressivamente tomado consciência de que o corpo é um suporte vital pelo qual passam o espírito e a alma. Deus encarnou no corpo de Cristo. Afinal, é pelos gestos quotidianos do corpo que recebemos os sacramentos...”

Elementos de Reflexão

O matrimônio, sacramento do casal

(Trecho da conferência do Pe. Charles Bonnet proferida no colóquio “Quel couple pour aujourd’hui?” — “Que casal para hoje?” — realizado por ocasião do quinquagésimo aniversário da promulgação da Carta do Movimento das Equipes de Nossa Senhora.)

Paradoxalmente, é a utilização pelos profetas da imagem do casamento para descrever a Aliança de Deus com Israel que vai dar ao casal o primeiro lugar no casamento e, dentro deste, a prioridade à fidelidade no amor. Os profetas (Oseias 1,3; Jeremias 2,2-3,1 e 31,3; Ezequiel 16 e 23; Isaías 50,1; 54,5-7; 62,1-5) vão comparar a aliança que une Deus e o povo de Israel com um casamento. É a história de um casal, nem sempre feliz na sua vida a dois por a mulher ser volúvel, mas que o homem procura manter contra ventos e marés, pois ele nunca desespera de ver a mulher voltar e de poder recomeçar com ela a grande história de amor outrora iniciada. Este casal, contudo, nada tem a ver com o casamento tradicional. É uma aliança que diz respeito apenas a duas pessoas, que é concluída pela livre iniciativa do esposo, sem intervenção das famílias e sem que se cogite dos filhos que hão de vir. É uma Aliança de amor que depende da benevolência do esposo: “achaste graça diante dele”. É uma escolha puramente gratuita, arbitrária mesmo, que não se explica. O esposo não se impõe: propõe e espera com ansiedade a resposta. Espera ser amado de corpo e de coração. O mal do adultério já não é o risco de fazer entrar na família do pai filhos que não são dele, mas de dar a entender que já não se é dele mas de outro. O dom do corpo diz quem eu amo e quem não amo. O que passa a ter a primazia no casal é a afeição de um para com o outro, a fidelidade amorosa.

É isso que vai fazer a sua fragilidade, pois o amor é “filho da Boêmia”, como se cantará mais tarde na “Carmen” de Bizet. A história dos amores de Deus e de Israel, seu povo, é uma história tumultuosa. Deus não é muito bem sucedido nas coisas do amor. É muitas vezes um marido enganado e iludido. O povo que Ele ama não cumpre as suas promessas e deixa-se levar ao sabor dos ventos do desejo. Deixa-se continuamente seduzir por algum amor novo. O amor e a duração não se dão bem.

Fazer rimar “amor” (amour) e “sempre” (toujours) é erradamente tranquilizador. Porque o amor enquanto desejo, emoção, paixão, parece destinado, por natureza ao efêmero. Precisa encontrar, a cada instante, a emoção do princípio. A única estação em que se compraz é a primavera.

Assim, para lhe dar consistência e duração, o amor de que aqui se trata não se baseará no prazer de estarem juntos, na emoção, na infinita repetição do “eu te amo, eu te amo”, mas na submissão à vontade do outro, na vontade de fazer a sua vontade. Amar será despojar-se da sua própria vontade para fazer a vontade do outro, despojar-se do seu desejo para se pôr ao serviço do desejo e da expectativa do outro. E, como esta concordância das vontades se rompe muitas vezes, o amor inventa o perdão. É o perdão que dá duração ao amor. Não se trata necessariamente de uma reconciliação espetacular depois de rupturas espetaculares, mas de voltar a doar-se de novo e ainda mais do que antes. O perdão é “re-dom” e “sobre-dom”. Face ao que ameaça, ao que afasta, ao que fere, ao que torna insípido ou arrefece, o perdão aproxima, trata as feridas, aquece. É a oferta de um novo começo, de uma nova primavera, mas de uma primavera que é preciso reanimar continuamente, que só dura porque recomeça. (...).

É a partir da realidade deste casal da Aliança que os profetas vão levar o povo judeu a descobrir o que Deus espera do casamento de um homem e de uma mulher. A partir desse momento, as duas realidades estão unidas. É com Deus que o homem vai aprender o que é o casamento. Muito antes de a palavra ter sido inventada, os profetas descobriram como o casal humano era querido por Deus como sacramento, sinal visível do seu próprio casal, e como cada casal deveria sê-lo cada vez mais. É que não basta formar um casal para ser semelhante a Deus; é preciso que ele viva à sua imagem: num amor fiel que quer sê-lo para sempre e que, por isso, está sempre pronto a perdoar.

Um casal que é uma só carne

A partir de tradições parcialmente diferentes, o Gênesis vai

fazer-se eco desta visão dos profetas. Porque, se o Gênesis é o primeiro livro da Bíblia, os primeiros capítulos não foram os primeiros a ser escritos. Foi preciso tempo para elaborar o essencial desses capítulos; no entanto, por ser o que ali se diz essencial e iluminar todo o resto, foram colocados em primeiro lugar. As imagens do casal apresentadas em cada um dos dois primeiros capítulos não coincidem completamente.

O primeiro relato insiste na fecundidade: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1,28). O homem recebe todo o poder sobre a criação, mas a sua missão é da mesma natureza. Ele não é senão um elemento de um conjunto chamado a encher um mundo informe e vazio. É preciso que os homens o povoem como já o povoaram as plantas e os animais que lhes são confiados. Há, no entanto, uma frase que destoa; não é tanto o “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), porque a semelhança poderia limitar-se a um domínio sobre a criação semelhante ao de Deus: o homem só teria que ser criador e senhor ao jeito de Deus. O que destoa é o objeto da semelhança: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou” (Gn 1,27). A semelhança já não está no domínio da criação, mas na relação de dois seres diferentes, dos quais nenhum por si é suficiente para assegurar a semelhança com Deus. É em conjunto que se assemelham a Deus. O casal homem-mulher já não é, como nos profetas, imagem da Aliança de Deus com Israel, mas imagem do próprio Ser de Deus. O texto poderia mesmo deixar entender que o Deus único não é um Deus solitário, visto que são precisos dois para garantir a semelhança.

O segundo relato por inteiro diz respeito à relação homem-mulher. É o âmago da história. O homem já não é um elemento de um conjunto que começa antes dele, a fase de uma história que o precedeu e que ele tem por encargo prosseguir no mesmo sentido. É o começo. Nada existe antes dele; somente quando é criado é que aparecem a natureza e os animais. Mas nada pode preencher a sua solidão. O seu domínio torna-o ainda mais solitário. Os seres que domina não podem ser seus parceiros justamente porque ele é o seu senhor. A relação só será possível

quando o outro for um outro ele mesmo, “osso dos seus ossos e carne da sua carne”, alguém da sua raça, da mesma condição, para não dizer da mesma natureza. Então é possível a relação, o dom ao outro: “O homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24).

O casamento sela uma partida: largam-se as amarras. É necessária uma ruptura para que se possa fazer a unidade. Há separação para haver união. “E eles se tornam uma só carne”. Se é permitido ver aqui uma alusão à união sexual do casal, o texto ainda diz mais: serão um único ser. Indica a unidade das pessoas, a comunhão profunda entre elas. Agora o horizonte é a unidade a ser feita para que os dois sejam um só ser. Há todo um caminho a percorrer para que cada um acabe por considerar o outro como sua própria carne, como alguém inseparável de si mesmo, da sua história, dos seus projetos. Trata-se não de fusão mas de comunhão. Continuam a ser dois, ainda que sejam uma só carne. Comunidade do casal e comunidade dos corpos andam a par. A comunidade dos corpos é sacramento da comunidade dos seres, ou seja, dá-lhe significado, torna-a palpável e realiza-a.

Quanto à imagem da Aliança descrita pelos profetas, trata-se ainda aqui da aliança de um casal que se constitui, longe da família de onde provém e independentemente da família a que dará origem. É o face a face de um casal nu, um casal que existe por si mesmo.

Todos os elementos estão devidamente apresentados. O Novo Testamento só terá que retomá-los e deles deduzir todas as conseqüências.

Não separar o que Deus uniu

Não se pode dizer que a reflexão sobre o casamento tenha um lugar importante nos evangelhos e nos ensinamentos de Jesus. No entanto, ainda que os episódios que lhe fazem alusão sejam muito breves, um belo futuro lhes está reservado. O que vai ser o núcleo do ensinamento de Jesus a este respeito (Mt 19,1-9) vai situar-se na linha dos textos do Gênesis.

A propósito da fragilidade do casamento pedem a Jesus que se manifeste, porque parece normal aos que O interrogam que

muitos casamentos acabem em divórcio, e pedem a Jesus que legisle sobre o divórcio e fixe as suas normas. “Em que condições é legítimo?”. A resposta de Jesus parece deslocada tanto em relação ao seu tempo quanto ao nosso. Para os contemporâneos de Jesus, como para os nossos, o divórcio é evidente. A incompreensão a este respeito tem 2000 anos de existência. Ainda que se trate de repúdio e não de divórcio por mútuo consentimento, isso não muda em nada o sentido da resposta de Jesus, que ultrapassa o caso concreto a propósito do qual é dada. Ora, embora Jesus se refira aos dois primeiros capítulos do Gênesis, do primeiro cita apenas o que diz respeito ao casal — “homem e mulher Ele os criou” — e continua com o segundo: “O homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne”. Jesus vai tirar deste texto uma conclusão que até então ninguém tinha tirado: já que Deus os quis um, “o que Deus uniu, o homem não separe”. Os que foram uma só carne já não podem voltar a ser duas. A referência aos textos do Gênesis omite todas as alusões à fecundidade que se poderiam encontrar em Gn.1. Não é o bem dos filhos que proíbe o divórcio, mas o bem do casal. A frase “O homem deixará seu pai e sua mãe, para unir-se à sua mulher” tem um caráter irreversível. É o casal que está no centro. O fato de remeter ao início, ao desígnio de Deus ao criar o casal, mostra que esta afirmação não se dirige apenas ao povo judeu, mas a todos. Deus espera esta indissolubilidade de todos os casamentos e não apenas do casamento dos que crêem. Jesus censura na lei judaica o fato de ter abrandado as exigências do desígnio criador para responder à fraqueza dos homens. Não se pode promover o que foi concedido à fraqueza humana em lei do casamento para a humanidade. (...).

Amar como Cristo amou a Igreja

A Epístola aos Efésios, em 5, 21-33, une a tradição do Gênesis à tradição dos profetas. A mesma frase do Gênesis ainda está no centro do texto: “O homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne”. Mas esta frase já não se aplica ao casal humano, mas ao casal “Cristo-Igreja”, como

diz S. Paulo logo a seguir: “É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja”. O casal primordial já não é o casal casado nem o casal original, mas o casal Cristo-Igreja. É este o verdadeiro casal, no qual todos os outros se devem inspirar. Dessa forma, S. Paulo retoma a tradição dos profetas, contudo faz uma substituição audaciosa.

Ao casal tradicional do Antigo Testamento, Deus e o povo de Israel, substitui o casal Cristo-Igreja. Jesus é apresentado como o Esposo, tal como o Deus de Israel, e a Igreja como o novo Israel, o novo povo de Deus. É esta a novidade da fé cristã que podia escandalizar profundamente o povo judeu ao atribuir a um homem um título que se aplica a Deus e ao afirmar que, em Jesus Cristo, Deus concluiu uma nova Aliança, que vai muito além do povo de Israel. Uma vez admitido isto, é a este casal que se aplica inicialmente e em toda a verdade a frase do Gênesis. Jesus deixou o seu Pai para se unir à Igreja e com ela ser um só corpo. São estas as verdadeiras núpcias, as que celebrou na Cruz ao entregar-lhe o seu corpo. Entregou-se por ela. Deu-lhe o seu corpo para com ela ser um só corpo. O mistério da Cruz é o mistério nupcial por excelência. E o memorial da Cruz, a refeição eucarística, também participa deste mistério das núpcias. Cristo entrega o seu Corpo para ser conosco um único Corpo. O que acontece na Cruz e na Eucaristia é o que acontece no casamento: entregamo-nos por inteiro para tornar-nos um com aquele a quem nos entregamos. Apenas o dom de Cristo merece tão completamente o nome de núpcias, de sponsais, de aliança.

Mas o que era verdade em relação ao casal Deus-Israel também o é em relação ao casal Cristo-Igreja. Tal como qualquer casamento entre judeus era chamado a assemelhar-se à Aliança com Israel e o seu povo, assim todo casamento deverá agora assemelhar-se ao de Cristo com a Igreja. Deverá ser à sua imagem e semelhança. Por isso, todo o trecho do capítulo 5 vai insistir continuamente no termo “como”. Como um marido cuida da sua mulher, Cristo cuida de nós; da mesma forma, os maridos devem amar as suas mulheres como Cristo amou a Igreja. Amar como Ele, não dominando mas entregando-se, consagrando-se

totalmente a ela. Como Cristo, a sua preocupação deve ser a santificação da sua mulher, a sua completa semelhança ao Deus santo. Trata-se de descentrar-se de si para centrar-se nela, de se entregar a ela como Cristo se entregou. Amem-na como vocês mesmos se amam, pois são uma só carne. Paulo dá todo o seu peso à expressão: já que os dois são uma só carne, amar a sua mulher é amar-se a si mesmo, é querer o seu bem como o próprio bem, querer-lhe como se quer a si próprio. O que é bom para o outro é bom para mim; amar o outro faz parte do amor de si; é a melhor forma de amar-se. (...).

Entregar o seu corpo para serem um só corpo

Se os esposos se amam assim, são sacramento do casal primordial que é o casal Cristo-Igreja. Fazem existir visivelmente aos olhos de todos o vínculo nupcial que une Cristo e a Igreja. Mas não o são apenas amando-se com o coração, podem sê-lo também a um nível igualmente real e muitas vezes esquecido, unindo-se fisicamente um ao outro. Ser uma só carne não significa apenas ser um só ser, um só coração, mas também ser um só corpo. Nisso também revivem algo da união de Cristo com a Igreja. Cristo realiza as núpcias não só amando a Igreja como o seu próprio corpo, rodeando-a de cuidados, santificando-a e alimentando-a, mas também entregando-lhe o seu Corpo para com ela ser um só corpo. Esta união que Cristo realizou na sua morte e ressurreição é proclamada e tornada presente na Eucaristia. Nela, Cristo entrega-nos o seu Corpo para ser um só corpo com todos aqueles que se hão de unir ao seu Corpo.

Todo casamento é imagem, sacramento, desta Aliança. Entregando o seu corpo àquele ou àquela que ama para serem um só corpo, cada um dos esposos revive alguma coisa da Aliança eterna de Cristo com a Igreja. A união sexual na qual se realiza e se cumpre o casamento é sacramento, no sentido em que ela participa da realidade do dom que Cristo faz do seu Corpo à Igreja para com ela ser um só corpo. Um homem e uma mulher são sacramento da união de Cristo com a Igreja, não apenas quando se amam como Cristo amou a Igreja, mas também quando se

unem como Cristo se une à Igreja... A união sexual, e não apenas o amor conjugal, é sacramento. É o amor conjugal na sua totalidade, sem excluir a sua dimensão corporal, que é sacramento. Para S. Paulo e para a Igreja, este dom do corpo é tão bom que Deus não hesita em fazer dele a imagem do seu próprio dom.

Hesitei muito antes de dizer isto, talvez com receio de fazer S. Paulo dizer demasiado, mas talvez também com receio de escandalizar: como pode uma realidade tão pouco espiritual, dirão alguns, ser comparada com o mistério do Calvário e da Eucaristia? Não será esta reação desprezo inconsciente pelo corpo e pela sexualidade, incapacidade de acreditar que a união sexual é da ordem do espiritual? S. Paulo já disse isto nas entrelinhas em 1 Cor 6,15-17. Depois, descobri que grandes teólogos do passado também tinham pensado o mesmo. Hincmar de Reims, em meados do século IX, escreveu referindo-se a Santo Agostinho e a S. Leão: “As núpcias não têm em si o mistério de Cristo e da Igreja se, como diz Santo Agostinho, não forem vividas conjugalmente, ou seja, se não houver união sexual. S. Leão demonstra que assim é dizendo: “A sociedade conjugal foi estabelecida logo no princípio do mundo para que na conjunção dos sexos fosse inscrito o mistério de Cristo e da Igreja” (Carta 22, citada por Mathon, *Le mariage des Chrétiens*, T. 1, p. 152). Poderíamos encontrar em João Paulo II reflexões semelhantes.

Compreende-se, assim, o profundo respeito da Igreja pela união de amor entre um homem e uma mulher. Se a união dos corpos tem por vocação significar e atualizar a união de Cristo e da Igreja, já não pode ser um gesto banal, o contato rápido de epidermes à procura de um prazer efêmero, ou um gesto de afeição banal entre amigos. É, pelo contrário, sinal do dom total ao outro. O corpo diz a quem pertence o coração: onde está o teu corpo, aí está o teu coração. Só damos o nosso corpo àquele ou àquela com quem tivermos feito aliança. Dar o nosso corpo ao outro é o dom supremo. O corpo é aquilo que damos em último lugar, quando tivermos ido até o extremo do amor e tivermos decidido dar-nos para sempre. Como fez Cristo: “tendo-os amado até o fim ... disse-lhes:... Este é o meu corpo que será entregue...

pela nova e eterna aliança”.

Para a Igreja, este dom só pode vir em último lugar, quando o casal tiver decidido que os dois hão de percorrer juntos até o fim o caminho que juntos iniciaram. É sinal de um dom total, conclusão de uma Aliança para sempre; se assim não for, é prematuro, em todas as acepções do termo (tem lugar demasiado cedo e é imaturo) ou, ainda pior, mentira. Dou o meu corpo mas não me dou: quando muito, empresto-me. Este dom não compromete em nada. O dom do corpo é, pois, essencial para que o casamento seja verdadeiramente sacramento da Aliança de Cristo e da Igreja. (...).

Pe. Charles Bonnet⁷

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Em que circunstâncias nos aconteceu associar o nosso corpo à idéia de dom (por exemplo, palavra, sorriso, dom da vida, etc...)?
- “Glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Cor 6,20). O fato de Cristo ter dado à humanidade o seu Corpo como dom último e mais importante tem-nos ajudado a exaltar o nosso corpo e o do nosso cônjuge?

Para a troca de idéias em equipe

- Que passagem da Bíblia mais gostaríamos de meditar para nos ajudar na nossa vida sexual conjugal, ou para refletirmos no significado que damos ao corpo?
- “O Deus único não é solitário” (Maurice Zundel). Em que a relação de amor entre o homem e a mulher ajuda a perceber a relação de amor do Deus trinitário?

Oração

Texto para a oração - Jo 2,1-12 :

7. Superior Provincial dos Padres de Saint-Sulpice, Superior do Seminário de Issy-les-Molineaux, professor de teologia moral

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para as bodas e os seus discípulos também. Como não houvesse mais vinho, a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”.

Respondeu-lhe Jesus: “Que temos nós com isso, mulher? A minha hora ainda não chegou.”

Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.

Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água”. Eles as encheram até à borda. Disse-lhes então: “Tirai agora e levai ao mestre-sala”.

Eles levaram. Quando o mestre-sala provou da água transformada em vinho — ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água —, chamou o noivo e lhe disse: “Todo homem serve primeiro o bom vinho e, quando os convidados já estão embriagados, serve o pior. Tu guardaste o bom vinho até agora!”.

Esse início dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nEle.

Depois disso, desceram a Cafarnaum, Ele, sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias.

Outro texto

Ah! Se fosses meu irmão, amamentado
nos seios de minha mãe!

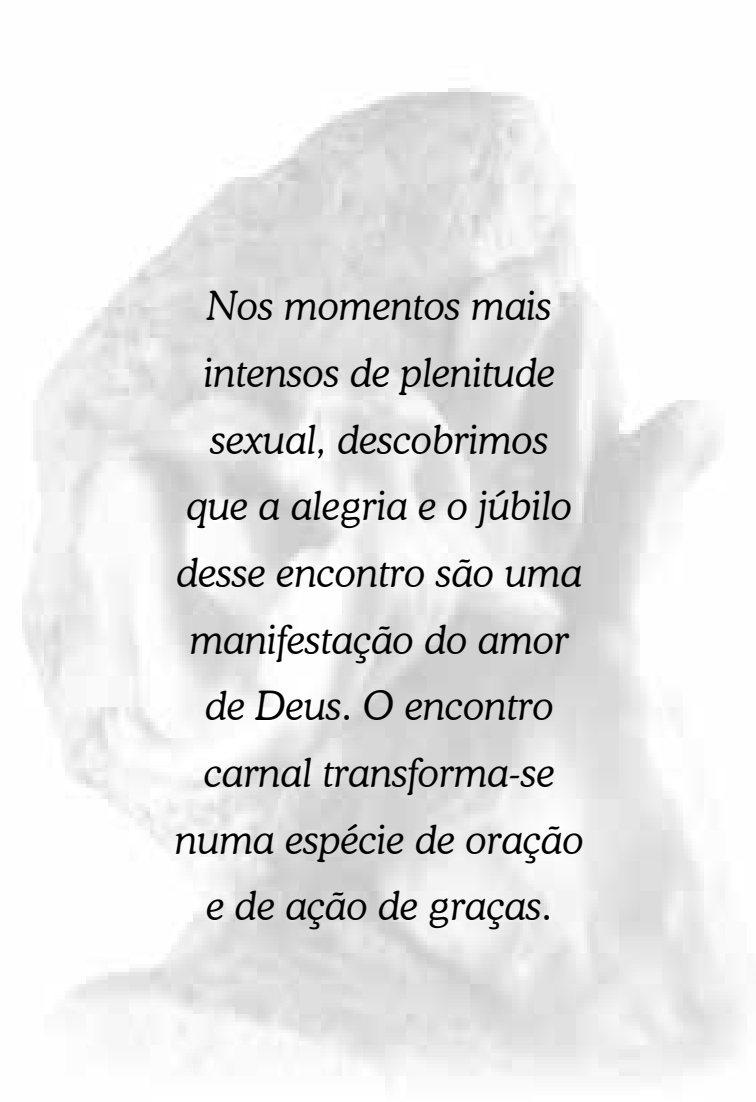
Encontrando-te fora, eu te beijaria, sem
ninguém me desprezar;

eu te levaria, te introduziria na casa de
minha mãe e tu me iniciarias;

dar-te-ia a beber vinho perfumado, e
licor de minhas romeiras.

Sua mão esquerda está sob minha cabe-
ça, e com a direita me abraça.

Cântico dos Cânticos 8, 1-3



Nos momentos mais intensos de plenitude sexual, descobrimos que a alegria e o júbilo desse encontro são uma manifestação do amor de Deus. O encontro carnal transforma-se numa espécie de oração e de ação de graças.

Capítulo 3

“DEUS VIU TUDO O QUE TINHA FEITO: E ERA MUITO BOM” (GN 1,3)

O ato sexual é bom

Testemunhos

“A vida sexual impregna permanentemente os outros momentos da vida; a vida sexual é uma base incontornável da vida do casal; é impossível dissociar a vida sexual do nosso estilo de vida, ou mesmo, de toda a nossa vida (...).”

“Para nós, a união carnal é sempre uma festa, e quem diz festa diz mais qualidade do que quantidade. Festa, gratuidade e generosidade são três qualidades do ato sexual. Se elas estão realmente presentes na nossa sexualidade, ficamos felizes, cheios de uma grande alegria que se repercute na nossa vida social e profissional, e vice-versa. Isto tudo não é fácil, mas é um caminho de felicidade. É preciso dizê-lo e voltar a dizê-lo à nossa volta. Se ninguém o disser aos jovens, muitos deles nunca saberão que além da procura do próprio prazer há outras relações muito mais satisfatórias!”

“Nos momentos mais intensos de plenitude sexual, descobrimos que a alegria e o júbilo desse encontro são uma manifestação do amor de Deus. O encontro carnal transforma-se numa espécie de oração e de ação de graças.”

“Os momentos de plenitude sexual fazem-nos perfeitamente felizes, sem desejar mais nada. Pensamos na atitude dos Apóstolos por ocasião da Transfiguração: nada mais se pede além de contemplar, de viver sempre naquela serenidade, naquela paz, naquela plenitude. A plenitude sexual abre-nos à contemplação, numa tênue antevisão do que havemos de viver sem fim na glória de Deus.”

“Nesse momento em que me realizo plenamente como mulher, sinto uma imensa necessidade de agradecer a Deus tanto amor e tanta satisfação. Então, sinto o seu amor, a sua bondade. Ao mesmo tempo, penso em tantos casais que têm graves problemas de

relação, que não encontram nela a sua complementaridade. Penso que essa hora bem vivida nos dá força para o dia todo porque nos sentimos unidos e receptivos. É por isso que dou graças a Deus.”

Elementos de Reflexão

“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31). Deus maravilha-se com toda a Criação, é claro, inclusive com a criação do homem e da mulher; com o seu destino de serem fecundos, o que supõe a sua sexualidade. Maravilhemo-nos nós também com a bondade do ato sexual.

No primeiro capítulo, dirigimos o olhar para a primeira abordagem, o encontro, que nos surpreende, nos deslumbra, nos modifica e, mesmo sem darmos por isso, nos “cria”. Deus tem algo a dizer a respeito da aventura humana e espiritual desse casal que se vai criar para sempre. O ato criador do casal (sem o qual o casamento não existe) será o encontro carnal, etapa fascinante, verdadeiramente “vertiginosa”, de que trataremos neste capítulo.

É natural que todas as formas de reflexão, de representação, de organização, se tenham apoderado deste ato “incontornável” no centro do criação e do desenvolvimento do mundo: formas literárias (poesia, romance, teatro...), formas artísticas (escultura, pintura...), formas institucionais (Igrejas, administrações...), etc. Cada um de nós pode ter sido tocado por esta ou aquela forma de representação, por este ou aquele livro; como nos orientarmos no meio dessa fartura?

Para caminharmos na nossa reflexão, apoiamo-nos em dois documentos: o primeiro é uma antologia do Pe. Joseph Wresinski, já citado; o segundo é um livro de Xavier Lacroix, *Le corps et l'esprit* (“O corpo e o espírito”).

Em contato com os mais desfavorecidos, o Pe. Joseph Wresinski realça a grandeza da sexualidade, que permanece, quaisquer sejam as condições de vida que a possam desfigurar. Reteremos aqui apenas algumas das suas reflexões:

“Através de todo ato sexual, o homem procura criar. É por isso que não se pode dizer que um homem se atira nos braços de uma mulher. Ele se atira nos braços de um vir a ser (...) daquilo em que

gostaria que se tornasse a mulher que encontra (...). A sexualidade é o momento mais extraordinário de tudo o que um homem vive. É por isso que ela tem tanta ressonância. Leva o homem àquilo a que eu chamo a vertigem criadora de Deus. Se há momento em que o homem está mais profundamente unido a Deus, é no ato sexual. Não só porque pode criar um novo ser mas porque o ato sexual é o ato fundamental pelo qual um homem e uma mulher se criam: se criam à imagem da fonte de que saem. E seja qual for o Deus desse homem ou dessa mulher, eles refazem o que Deus fez ao criar o homem e o universo. A sexualidade nos introduz no universo (...).

Por que ter reduzido a sexualidade ao nível da carne, quando o amor nos introduz na tomada de posse do universo? Às vezes penso que, para o homem, a maravilha da mulher é ela representar a primeira experiência de criação que ele pode fazer. Nela ele encontra o face a face que lhe vai permitir esse confronto com outrem pelo qual deverá passar na sua necessidade de se completar. Através da mulher, ele fará a aprendizagem da criação (...).

A mulher que foi despertada para a possibilidade de completar um homem, de dar ao mundo um homem completo, e de ela própria passar a ser eternamente mulher, introduzindo-se assim na eternidade com o filho que há de nascer, não ampliará essa mulher, de repente, todas as dimensões da sua alma? Uma mulher que descobriu que pode criar outro ser pode rezar, pode ajoelhar-se diante de Deus. Ela aprendeu o amor.”

Xavier Lacroix⁸ responde à crítica feita ao cristianismo por nutrir um certo desprezo pelo corpo: a religião da Encarnação, do “Glorificai a Deus no vosso corpo” de S. Paulo (1 Cor 6,20), não merece essa suspeição. Simultaneamente, o autor desenvolve os aspectos mais sensíveis da sexualidade:

- o nascimento do desejo: “O corpo apreendido na beleza mantém-se a distância. E é só na sua aparência que ele é percebido.

8. Xavier Lacroix: leigo casado, membro das Equipes de Nossa Senhora, Decano da Faculdade de Teologia de Lyon.

Ora, há momentos em que o desejo se revela menos desinteressado, em que não se contenta com a aparência, em que visa a substância, o contato com a carne enquanto tal, na sua densidade e na sua vida sensível (...) sob o olhar do desejo, a carne surge ao mesmo tempo como próxima e distante, tangível e intangível, pessoal e impessoal. Ao mesmo tempo, material e habitada por uma vida transcendente, está no limite entre o estatuto de coisa e o de sujeito. Tepidez, doçura, frescura, firmeza, qualidades sensíveis da matéria, mas também vibrações, palpitação, respiração de uma vida que vem de tão longe, portadora de tanto mistério... Nela a pessoa do outro parece ao mesmo tempo entregar-se e retrain-se. Pressinto aí como que um infinito no finito” (p. 23-24).

- a ternura: “muitas vezes associada à experiência do desejo, mas não se confundindo com ela, a experiência da ternura passa também pela carne (...) a ternura é como uma fraqueza, uma ruptura com a dureza ou com as relações de força que, pouco ou muito, caracterizam as relações sociais. Não se diz “ter um fraco por”? O coração de pedra torna-se coração de carne. O outro torna-se querido tornando-se carne, tal como se torna carne ao tornar-se querido. A ternura carnal é o reconhecimento mútuo de duas fraquezas, a entrada em ressonância de duas fragilidades (...)” (p. 24-25).

“Todavia, a união não é feita apenas de sensações. É também, e talvez ainda mais fundamentalmente, um conjunto de gestos. Ora, estes não são apenas meios para se chegar a um fim previamente determinado, que seria o orgasmo. Eles próprios são atos, ou seja, têm sentido em si mesmos, são uma linguagem” (p.41).

- os nossos gestos de ternura: Os nossos gestos de ternura “não são só nossos delegados ou nossos instrumentos, são nós mesmos, ou antes, neles encarnamos e agimos” (p. 42).
 - a carícia: “A carícia não é só contato ou tentativa de apropriação (por a mão sobre o outro). Mais profundamente, isto é, mais autenticamente, é celebração do corpo do outro, sua modelagem. Consiste em passear sobre o seu corpo, à superfície da sua pele a fim de sentir e de ajudá-lo a sentir a

sua profundidade. Por isso é, ao mesmo tempo, tentativa de apropriar-se dele ou, pelo menos, de torná-lo menos esquivo, e de perceber que nem o outro nem o seu corpo estão em meu poder ou na minha posse. Experiência de perda de posse na maior das proximidades. O corpo do outro, na sua carne, está aí, debaixo da minha mão; no entanto, ele continua a ser outro, portador de uma vida que sinto vibrar nele mas que se mantém para sempre fora do meu poder. É por isso que a carícia é desejo, ou antes, a própria linguagem do desejo. É uma busca que não sabe o que procura, sem objetivo preciso, sem projeto nem plano. Passeio livre sobre o corpo-paisagem, com os seus vales, as suas planícies, as suas colinas. Mas esta paisagem prolonga um rosto, é habitada por alguém que eu não vejo, demasiado perto para ser visto, mas que tento atingir através da sua própria face escondida, da sua carne, tão próxima, tão tenra e tão consistente, ao mesmo tempo penetrável e impenetrável. É o pôr em ação do desejo, porque é também expectativa (...).

Carícia (caresse) não rima só com ternura (tendresse), mas também com promessa (promesse). Também se pode perceber a carícia como ato de domar-se um ao outro, o homem à mulher e a mulher ao homem.”

- abraçar: “No primeiro sentido do termo, “abraçar” é “rodear com os braços”. Isto significa que, primeiro, os abri para acolher o outro, e depois os fechei para verdadeiramente o receber. No meu espaço próprio, no meu espaço íntimo, preparo-lhe um lugar, isto é, preparo um lugar, dentro do meu espaço, para o seu próprio espaço íntimo. Assim é posta em gestos uma vitória sobre a distância, bem como sobre a relação de confronto. A luta pode não estar longe, no tempo ou na semelhança dos gestos — fala-se de “luta amorosa” —, mas, quando é verdadeiramente amoroso, o abraço traduz a superação da violência e o acesso a uma relação de reciprocidade consentida, em que se passa da dureza do choque das existências a uma outra modalidade

do ser: a ternura, em que se trata sobretudo de se reconhecer como vulnerável, esperando a salvação do reconhecimento da própria fraqueza. Já não se trata de se confrontar mas de se abraçar; não mais de ver qual dos dois é mais forte, mas de se aninharem um contra o outro. Já não se trata de agir contra, mas de estar junto do outro, “bem juntinho”, para resistirem juntos em meio aos tormentos da vida.”

- o beijo: “Pousar os lábios na pele ou nos lábios do outro... O que poderia ser um ato de devoração (não serve a boca, em primeiro lugar, para absorver?) passa a ser, pelo contrário, a expressão de uma vitória sobre o apetite. Em vez de devorar-se, trata-se de beber, como se bebe numa taça. Depois da palavra, o regresso às fontes da palavra. No beijo, a proximidade é ainda maior do que na carícia ou no abraço. A pele dos lábios é mais fina e mais sensível do que a das mãos ou dos braços. Rosados e úmidos, os lábios são uma mucosa: a vida interna do corpo a eles aflora, nelas ela quase comunica com o exterior. A boca é uma das aberturas do corpo (...).
Abandonar-se ao beijo é vencer a clausura dos corpos, não se contentar em ser prisioneiro do seu “saco de pele”, querer passar para o outro, conhecer o seu gosto, aproximar-se da sua substância. Troca de hálitos, de salivas, jogo das línguas, a subida do desejo leva à superação da repugnância habitual associada a tais contatos. O beijo nos lábios é um início. Muitas vezes, anuncia e inicia outras trocas entre outras mucosas. Outras vitórias sobre as resistências ou sobre a violência. Outros avanços rumo à intimidade, outros passos rumo ao ajustamento e à conjugação dos corpos.”
- penetrar: “Penetrar, ser penetrada. Ato de hospitalidade, tanto é hóspede o que acolhe como o que é acolhido. No corpo da mulher, o sexo do homem encontra como que uma habitação, um lugar quente e envolvente. Afunda-se numa profundidade em que a sua forma encontra, com a sua justificação, um invólucro. A mulher, aparentemente, é sobretudo receptora; mas ela só vive a união com felicidade

se ela mesma for recebida; se ela mesma encontrar o seu lugar entre os braços do homem e se o próprio dom peniano for receptivo ao seu acolhimento. O masculino experimenta o feminino, e o feminino experimenta o masculino, ambos em si e fora de si. Mas que é feito das fronteiras do interior e do exterior? O exterior e o interior não mais se opõem, a ereção é ao mesmo tempo inclusão, a inclusão provimento. Cada um ao mesmo tempo rodeia e é rodeado, envolve e é envolvido. O homem é envolvido no seu órgão sexual central, e envolve com os seus membros periféricos (braços, pernas); a mulher é envolvente no seu sexo, mas envolvida em todo o seu corpo. Parece então realizar-se um desejo muito profundo em cada um, o de ser incluído. Esse desejo mergulha certamente em experiências infantis muito antigas, mas não se pode — como se faz muitas vezes — reduzi-lo a isso. De fato, o coito não é só a reiteração da infância; como tal, irredutivelmente, pode tomar um significado novo. Voltado para um parceiro ou uma parceira que não a mãe, não proveniente apenas do passado mas, sobretudo, orientado para o futuro, adquire o significado de uma aliança.

É verdade que aqui mal se trata de expressão. O sentido é subvertido pela sensação. Os movimentos da volúpia subvertem toda intenção. Sem contestar as análises anteriores, retenhamos ainda alguns aspectos da diferença entre as formas masculina e feminina de viver o prazer. Na sua vertente masculina, este será vivido sobretudo como descarga, próxima da violência, mais localizada, mais breve. Na sua vertente feminina, será vivido sobretudo como irradiação, menos violenta, menos localizada, mais lenta a surgir e a cessar”.

- Para além da volúpia: “Uma análise da união que ficasse por aqui seria incompleta. Esqueceria que o coito também é, e inseparavelmente, o ato pelo qual a procriação é, foi ou poderia ser possível. É um ato inseminador, ousemos lembrar. E isto não deixa de ter incidências no seu próprio significado. Trata-se, em primeiro lugar, e não é pouco, de um ato semelhante àquele

que deu origem aos próprios protagonistas. A sua memória profunda, o seu inconsciente, dizem os psicanalistas, guardam a sua lembrança. (a famosa cena primitiva). Mas também, mais simplesmente, o coito é acompanhado de emissões e de trocas de líquidos: secreções vaginais na mulher e emissão de esperma no homem. Estes dados são muito menos insignificantes do que muitas vezes se pensa. A possibilidade de fecundação, se nada for feito para impedi-la, faz parte dos dados constitutivos da união. A fecundação seria o termo desta, como se, pela fusão do óvulo com o espermatozóide, ela perpetuasse a unidade frágil e efêmera do coito num ser vivo capaz de se manter. Por último, não é, como diz a sabedoria judaica, no filho que o homem e a mulher se tornam uma só carne?

Teremos compreendido que não se trata aqui de preconizar a subordinação de toda a união à finalidade procriadora, mas apenas de precisar e de afirmar que a integração da perspectiva de fecundidade faz parte do sentido pleno da sexualidade, que não lhe é acrescentado mas que está na sua continuidade. O sentido dos nossos gestos não vem apenas das nossas intenções: vem também da sua ancoragem na constituição do organismo” (p. 42-46).

Lembremos também as palavras de João Paulo II⁹: “A união dos corpos foi sempre a linguagem mais forte que dois seres possam falar um ao outro”.

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Perguntar um ao outro: os nossos atos de amor nos unem? Que queres que eu mude na minha atitude para que esses atos aumentem o nosso amor?
- Cada um diga ao outro o que lhe parece importante na preparação e na realização do encontro conjugal: afeição, atitude geral, preparação sentimental durante o dia, pensar no outro mais do

9. Discurso no Parque dos Príncipes, Paris, 1980.

que em si próprio, reconciliação consigo mesmo, com o outro, espiritualidade. Que poderiam ainda acrescentar?

- Sente-se inspirado/a para escrever um poema ao seu cônjuge ou, pelo menos, a ler-lhe um? (Ó talentos desconhecidos...!).

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Pela nossa alegria de casais em nossa aventura conjugal, deixemos brotar em nós uma oração de louvor e de ação de graças.
- Como apresentar aos jovens uma visão ao mesmo tempo otimista e realista da sexualidade?

Oração

Texto para a oração - Ef 5,25-33 :

E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.

Assim também os maridos devem amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu Corpo.

Por isso, deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne.

É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja.

Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido.

Texto de acompanhamento

És toda bela, minha amada

És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito!

Vem do Líbano, noiva minha, vem do Líbano e faz tua entrada comigo. Desce do alto do Amaná, do

cume de Senir e do Hermon, esconderijo dos leões,
montes onde rondam as panteras.

Roubaste meu coração, minha irmã, noiva minha,
roubaste meu coração com um só dos teus olhares,
uma volta dos teus colares.

Que belos são teus amores, minha irmã, noiva minha;
teus amores são melhores do que vinho, mais finos que
os outros aromas é o odor dos teus perfumes.

Teus lábios são favo escorrendo, ó noiva minha, tens
leite e mel sob a língua e o perfume de tuas roupas
é como a fragrância do Líbano.

És jardim fechado, minha irmã, noiva minha, és
jardim fechado, uma fonte lacrada.

Teus brotos são pomar de romãs com frutos preciosos:
nardo e açafraão, canela, cinamomo e árvores todas de
incenso, mirra e aloés, e os mais finos perfumes.

A fonte do jardim é poço de água viva que jorra,
descendo do Líbano!

Cântico dos Cânticos, 4, 7-15

Trechos do discurso de Paulo VI às Equipes
de Nossa Senhora, Roma, 4 de Maio de 1970

“De fato, o dom não é uma fusão. Cada personalidade mantém-se
distinta e, longe de se dissolver no dom mútuo, afirma-se e purifica-se,
cresce ao longo da vida conjugal segundo essa grande lei do amor:
darem-se um ao outro para se darem juntos.

O amor é, com efeito, o cimento que dá solidez a esta comu-
nidade de vida e o impulso que conduz a uma plenitude sempre
perfeita. Todo o ser participa nisto, nas profundezas do seu mistério
pessoal, e dos seus componentes afetivos, sensíveis, carnis e espí-
rituais, até constituir cada vez melhor aquela imagem de Deus que
o casal tem por missão encarnar ao longo dos seus dias, tecendo-a

com as suas alegrias e com as suas provações, mostrando que realmente o amor é mais do que o amor.

Não há amor conjugal que não seja, na sua exultação, impulso para o infinito e que não se queira, no seu impulso, total, fiel, exclusivo e fecundo (cf. *Humanae Vitae*, 9).

É nesta perspectiva que o desejo encontra o seu significado pleno. Meio de expressão tanto como de conhecimento e de comunhão, o ato conjugal mantém e fortifica o amor; e a sua fecundidade leva o casal ao seu desabrochar pleno: torna-se imagem de Deus, fonte de vida.

O cristão sabe que o amor humano é bom por sua origem, e se for, como tudo o que há no homem, ferido e deformado pelo pecado, encontra em Cristo a sua salvação e a sua Redenção. De resto, não é esta a lição de vinte séculos de história cristã? Quantos casais encontraram na sua vida conjugal o caminho da santidade, nessa comunidade de vida que é a única fundada num sacramento!”

Paulo VI

A dimensão sponsal do corpo¹⁰

“O corpo humano, orientado interiormente pelo “dom sincero” da pessoa, não só revela a sua masculinidade ou a sua feminilidade no plano físico mas revela também um valor e uma beleza tais que ultrapassam a dimensão simplesmente física da “sexualidade”. Assim se encontra completada em certo sentido a consciência do significado sponsal do corpo, ligado à masculinidade-feminilidade do ser humano. Esse significado indica, por um lado, uma capacidade particular de exprimir o amor em que o ser humano se torna dom; por outro lado, esse ser humano possui a capacidade e a profunda disponibilidade para “a afirmação da pessoa”, isto é, literalmente, a capacidade de viver o fato de o outro — a mulher para o homem e o homem para a mulher — ser, através do corpo, alguém que é querido “por si mesmo” pelo Criador, ou seja, único e singular, alguém que é escolhido pelo Amor eterno”.

João Paulo II

10. Discurso de João Paulo II (16 de Janeiro de 1980).

O abraço¹¹

“A linguagem mais elevada, a plenitude espiritual do corpo a corpo. Por ti, contigo, junto de ti, vivi o corpo a corpo de duas almas. Só o corpo a corpo dá ao diálogo das almas a sua força e a sua plenitude. Descobrimos juntos o segredo: o abraço é a aventura extrema do espírito. O rosto do outro torna-se o rosto do mundo. Desfaz-se e recompõe-se como fazem as paisagens de vento e de sol. A sombra dissipa-se sob os rasgos do desejo. A luz do corpo amado treme, concentra-se e expira na alegria que tudo cobre como o mar cobre a areia na maré enchente. O rosto da amante afoga-se nas algas do cabelo. As margens femininas encerram o rio masculino. O próprio diálogo do amor revela a mística da eternidade.

O misticismo do sexo é uma fórmula oca. Em contrapartida, como negar o poder místico do abraço, em que as forças da vida se juntam, se ajustam, se desposam num impulso que é o do pensamento à procura de outro pensamento, da angústia à procura de outra angústia, do próprio espírito frente ao mundo do qual ele se sabe ao mesmo tempo demiurgo e reflexo? Os corpos que se abraçam não ignoram que são instrumentos de uma exigência que os ultrapassa. Tudo o que conta está em jogo nessa cumplicidade com traços de combate. A luz que brilha ao fim do confronto é a luz discreta do absoluto. Um nada pode apagá-la. Um nada também pode transformá-la em fogueira.

Logo no primeiro dia, tinhas sentido que nesse país fascinante e temível era necessário o máximo pudor. O que podia parecer pudicícia era, da tua parte, instinto muito seguro. Quando o essencial está em causa, a própria jovialidade se torna grave. O tom do gracejo pesado ou o da precisão anatômica não é muito conveniente nesses momentos que transcendem a duração e cintilam como estrelas na noite do quotidiano. Sabias, pelas tuas entonações e pelos teus gestos, unir a ordem à desordem, a reserva à paixão, a altivez ao abandono.

O olhar da amante que sucumbe à vertigem é o de uma morta ressuscitada, onde a esperança triunfa sobre o medo. No palco do

11. Jacques de Bourbon-Busset, Lettre à Laurence.

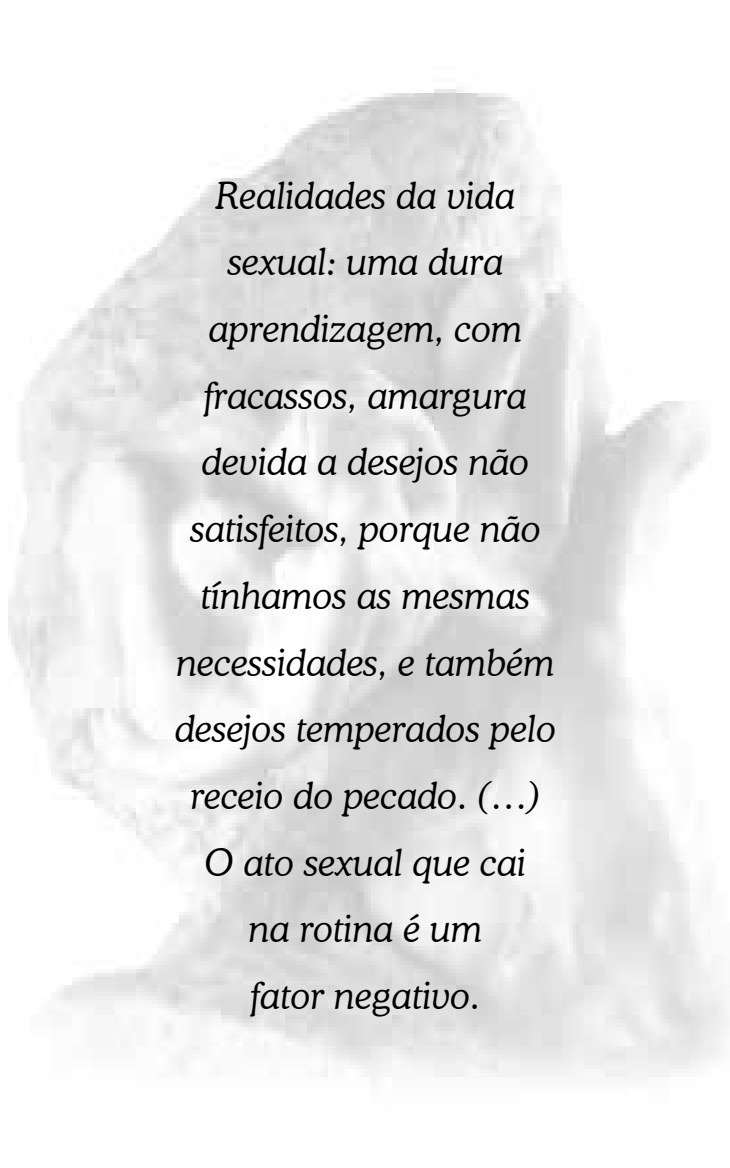
teatro íntimo, a peça que se representa chama-se morte e ressurreição. Nesses minutos em que a junção dos corpos é junção de almas, o corpo torna-se alma, e a alma torna-se corpo. A exaltação leva ao desfalecimento, e o desfalecimento é anúncio de nova exaltação. Esta alternância de tempos fortes e tempos fracos é o próprio mistério do espírito que conhece, como o coração, a sístole e a diástole. Os movimentos do desejo são os movimentos do espírito. O espírito alimenta-se da glória do abraço (...).

Foi sobre esse absoluto do abraço que, dia após dia, construímos a nossa aventura de união sagrada. Vimos sempre no ato de amor o sinal de que era possível estabelecer uma relação absoluta com o absoluto. A licenciabilidade e os gracejos provam negativamente a seriedade do abraço. Prestam-lhe uma homenagem indireta ao procurarem reduzir a gestos insignificantes a parada essencial do ser humano.

Passei anos tentando estabelecer uma ponte entre mística e sexualidade. Muita gente se escandalizou ou sorriu. Por que amedronta tanto o ato de união do homem e da mulher, quando em princípio todos os tabus são violentamente rejeitados? A única explicação é que todos sabem que uma vida sexual feliz é a realização suprema. A miséria sexual de muita gente é a razão desse silêncio amedrontado. O abraço abre ao absoluto. O abraço é o infinito abrangido. A glória do abraço é respirar o universo.

O abraço não procura derrubar as fronteiras que separam os seres. O abraço é a aliança de dois corpos que se servem da sua diferença para irem além do convencional, do banal, do medíocre. A repetição não exclui a desmedida, dá-lhe uma estrutura. Durante quarenta anos, essa desmedida estruturada foi o fio condutor da nossa vida.

Os corpos têm pena das almas e querem ajudá-las a encontrá-los. Não se deve interferir. O abraço é a mais elevada linguagem do corpo e da alma”.



Realidades da vida sexual: uma dura aprendizagem, com fracassos, amargura devida a desejos não satisfeitos, porque não tínhamos as mesmas necessidades, e também desejos temperados pelo receio do pecado. (...)

O ato sexual que cai na rotina é um fator negativo.

Capítulo 4

“O TEU DESEJO TE LEVARÁ AO TEU MARIDO E ELE TE DOMINARÁ” (GN 3,16)

Construir juntos uma sexualidade harmoniosa

Testemunhos

“O homem tende sobretudo a espiritualizar o seu desejo físico e a mulher, a “carnalizar” a sua espiritualidade.”

“Realidades da vida sexual: uma dura aprendizagem, com fracassos, amargura devida a desejos não satisfeitos, porque não tínhamos as mesmas necessidades, e também desejos temperados pelo receio do pecado. (...) O ato sexual que cai na rotina é um fator negativo. (...) A nossa união carnal só foi completa e perfeita após a operação da minha mulher, o que nos leva a dizer que as gerações jovens, com os atuais meios contraceptivos e uma reviravolta da nossa religião, não vão conhecer as mesmas dificuldades que nós, mas hão de conhecer outras, pois o êxito da união carnal não é automaticamente garantido.”

“Nada é adquirido antecipadamente; o desejo da mulher é como um suflê, que pode baixar rapidamente; o homem deve ser o bom cozinheiro que sabe manter o sabor do banquete.”

“João me disse: Tenho fome de ti, minha mulher. À noite, quando volto para casa esgotado, é por ti que chamo. Se fazes de conta que estás dormindo, ignorando o meu tormento, virome para o outro lado e me calo.

Se resistes, fecho-me, infeliz por compreender-te tão mal e mais ainda por parecer-te exigente. Porque acontece que o meu corpo te procura com demasiada exigência (...). Se soubesses, mulher, que, quando tenho fome de ti, a minha fome ultrapassa infinitamente o teu corpo: porque para mim tu significas a inexprimível riqueza do nosso amor total, corpo e alma juntos, obra prima do Criador. (...) A mulher, porém, nem sempre pode

responder, e isso não é sinal de desamor. “Por que hoje? Por que não ontem ou amanhã?” Não me perguntes, não poderia dizê-lo. Sei desde o primeiro segundo, desde o primeiro instante em que te aproximaste de mim, que não poderei responder-te hoje. Descobre o reverso da medalha: aquela que vibra como a corda de uma viola não pode vibrar sempre. Respeita os seus cansaços, as suas inapetências, essa sede de paz que se apodera do seu corpo, menos ávido do que o teu. Deixa-a sossegada”.

Elementos de Reflexão

Se fosse verdade que o intercâmbio dos prazeres ou o desempenho sexual é garantia de felicidade ou de harmonia entre as pessoas, isso ver-se-ia e saber-se-ia.

“Sede da maior intimidade, a união carnal é também a sede dos maiores mal-entendidos. Não é certo que o homem e a mulher procurem a mesma coisa no encontro; muitos são os que sofrem com este descompasso: um procura sobretudo o prazer e o outro, a ternura é uma demonstração disso. Dar prioridade ao valor ternura pode também fazer esquecer as afinidades do prazer com a violência. A linguagem dos gestos de ternura, por exemplo, não é tão simples ou tão límpida como se pensa; acariciar é celebrar, mas também pode ser tentar possuir; abraçar é acolher, mas também pode ser cercar; o abraço pode ser sufocação, o beijo, devoração, a penetração, arrombamento. Entre a união consentida e o estupro há toda uma gama de gradações”¹².

Como diz Inès Péliissié du Rausas¹³,

“(…) assim, a mulher que se vê “despida com o olhar” sente esse olhar como ambíguo, porque é um olhar sobre o seu corpo visto como um objeto, quando ela mesma o considera o “seu” corpo. Ela pode mesmo revoltar-se interiormente contra o outro e sentir um ódio profundo, como assinala Max Scheler, por aquele que a obriga continuamente a prostituir o seu ser

12. Xavier Lacroix, *Le corps et l'esprit*, Col. Vie Chrétienne, p. 33.

13. Filósofa, autora de *La pudeur, le désir et l'amour humain* (cf. Revista Alliance, nº 96).

mais profundo e, o que é pior, sob a aparência de um pretenso dever conjugal. À violência que se exerce sobre ela tomando-a como objeto, a mulher pode responder com outra forma de violência, quando procura vingar-se do homem através da atitude de passividade, ou com um falso espírito de abnegação que em verdade também a faz sofrer. Assim, a avidez de um leva ao ressentimento do outro — da mulher contra o egoísmo e o desejo de dominação do homem, do homem contra o egoísmo e a passividade da mulher. Enquanto o desejo, como desejo sexual, é profundamente desejo de unidade e apelo ao outro, a avidez — a “cupidez” do corpo do outro — só conduz ao prazer do corpo e à dominação do outro, fechando os seres na solidão”.

Socorramo-nos agora de alguns comentários do Pe. d’Heilly, extraídos do seu livro “Aimer en actes et en vérité”¹⁴:

“A pergunta que se deve fazer é esta: Os nossos gestos carnis nos unem? Se há momento em que um homem e uma mulher se podem sentir a léguas um do outro, esse momento é o de uma vida carnal falhada. Se há momento em que um homem se pode sentir numa solidão traumatizante, esse momento é o de uma união carnal em que a mulher não reage. Devemos, pois, ter bem presente esta afirmação: “Os nossos gestos carnis não nos unem automaticamente”.”

E, já que amar é essencialmente entender o comportamento do outro, consideremos os três aspetos importantes do comportamento carnal: o comportamento do marido, o comportamento da mulher e os problemas comuns.

- O comportamento do marido: o marido deve ter a preocupação de preparar o coração da mulher, de preparar o corpo da mulher, para chegarem à união profunda, de estar atento a procurar o sincronismo entre o prazer de cada um.
- O comportamento da mulher deve ser ditado pela confiança

14. “Aimer en actes et en vérité” (Amor em atos e verdade) Éditions St. Paul / C.L.E.R., Paris.

em si própria e no marido, pela simplicidade (saber participar, desejar, exprimir-se...), pela generosidade (ser capaz de dar o primeiro passo, de se oferecer, de não ser passiva, de não fazer do marido um mendigo).

Com o fato de as escolas serem mistas e de as mulheres alcançarem cada vez mais às mesmas posições que os homens na vida profissional, essas diferenças ter-se-ão atenuado? Na verdade, continua a ser necessário adaptar-se ao comportamento do outro e ter a preocupação de atingir uma certa simultaneidade no prazer. Para ambos, “trata-se de exprimir os desejos e as aspirações de cada um, bem como as suas reticências e as suas repugnâncias. Ousar dizer que se existe como pessoa original e autônoma e recusar ser simples objeto sexual para os fantasmas do outro não será criar as condições elementares de um verdadeiro encontro conjugal?”¹⁵.

- Os problemas comuns: encontrar uma boa frequência nas relações e visar a qualidade mais do que a quantidade; saber não ter pressa, preparar-se; não planejar uma relação se o amor estiver ausente; começar por restabelecer as condições para que ela ocorra; tender a encontrar Deus nesse próximo tão próximo que está nos nossos braços¹⁶; lembrar-se de que o ato sexual não é tudo na vida conjugal: há muitas outras maneiras de manifestar ternura, o que exige uma certa criatividade.

Em resumo, para que os nossos gestos carnavais nos unam, convém que sejam respeitadas as exigências psicológicas, fisiológicas e espirituais de cada um. “Há três coisas que me ultrapassam”, está escrito no Livro dos Provérbios, “e uma quarta que não compreendo:

- o caminho da águia no céu,
- o caminho da serpente na rocha,
- o caminho da nave no mar,
- o caminho do homem com a donzela” (Pr 30,18-19).

15. Pe. Michel Legrain, Revista Alliance, nº 96.

16. Cf. testemunhos do capítulo 3.

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Quais são, na sua opinião, os principais obstáculos da vida quotidiana a uma união carnal bem sucedida? Como superá-los?
- Será que emprestei o meu corpo ao meu cônjuge ou dei-lhe realmente? Quais são os sinais que permitem estabelecer a diferença (pensar noutra coisa, fantasmas, etc...)?
- Não acolher, não suscitar o desejo do outro, não será exercer violência sobre ele? Como gerir os desejos sexuais de um para conciliá-los com os do outro?
- Como proteger-nos das perversões? Que vigilância exercer? Como não nos expormos à tentação?
- Como assumimos o nosso corpo (idade, estética, doença...)?
- Como respeitamos o corpo do nosso cônjuge?

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Que idéia se tem do corpo e da relação de casal, segundo os meios de comunicação, os anúncios, os top models? Qual a imagem da sexualidade neles veiculada?
- Na nossa sociedade em que tudo se mostra, em que os mecanismos da reprodução e da sexualidade são ensinados nas aulas de biologia, como promover a idéia de que a relação sexual deve ser sempre um ato de amor?
- Como ajudar aqueles que estão em torno de nós, os que encontramos, a viver uma verdadeira relação entre pessoas e não apenas entre epidermes?

Oração

Texto para a oração - Gn 3,1-17 :

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?”. A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte”.

A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, os vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”.

A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e cingiram-se. Eles ouviram o passo de Deus que passeava no jardim à brisa do dia, e o homem e sua mulher esconderam-se da presença de Deus, entre as árvores do jardim. Deus chamou o homem: “Onde estás?”, disse Ele. “Ouvi os teus passos no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu e escondi-me”.

Ele retomou: “E quem te fez saber que estás nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!”.

O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim deu-me da árvore, e eu comi”

Deus disse à mulher: “Que fizeste?”. E a mulher respondeu: “A serpente seduziu-me e eu comi”. Então Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre o teu ventre e comerás poeira todos os dias da tua vida. Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela esmagar-te-á a cabeça e tu ferir-lhe-ás o calcanhar”.

À mulher Ele disse: “Multiplicarei as dores das tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. O teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará”.

Ao homem Ele disse: “Porque escutaste a voz da tua mulher e comeste da árvore que eu te proibira de comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias da tua vida”.

Textos de acompanhamento

Eu dormia mas meu coração velava

Eu dormia, mas meu coração velava e ouvi o meu amado

que batia:

”Abre, minha irmã, minha amada, pomba minha sem defeito!

Tenho a cabeça orvalhada, meus cabelos gotejam sereno!”

“Já despi a túnica, e vou tornar a vesti-la?

Já lavei os meus pés, e vou sujá-los de novo?”

Meu amado põe a mão pela fenda da porta: as entranhas me estremecem, minha alma, ouvindo-o, se esvai.

Ponho-me de pé para abrir ao meu amado: minhas mãos gotejam mirra, meus dedos são mirra escorrendo na maçaneta da fechadura.

Abro ao meu amado, mas o meu amado se foi...

Procuro-o e não o encontro, chamo-o e não me responde...

Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade.

Bateram-me, feriram-me, tomaram-me o manto as sentinelas das muralhas!

Filhas de Jerusalém, eu vos conjuro: se encontrardes o meu amado, que lhe direis?...

Dizei que estou doente de amor!

Cântico dos Cânticos, 5, 2-8

Trechos da Exortação Apostólica

Familiaris Consortio (nº 11)

“Porque o homem é um espírito encarnado, isto é, uma alma que se exprime no corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor nesta sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual. (...)

Por consequência, a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta só se realiza de maneira verdadeiramente humana se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pes-

soa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente. Se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não seria uma doação total”.

João Paulo II

Entregar-se um ao outro

Para isso, é preciso, antes de mais nada, que a união sexual seja sempre um ato de amor. Isto não é evidente. “Fazer amor” pode muito bem ser exercer violência. Pode ser vontade de possuir, de dominar ou muito simplesmente uma procura egoísta de prazer. Esquece-se muitas vezes desta frase da *Humanae Vitae*: “Um ato conjugal imposto ao cônjuge, sem consideração pelas suas condições e pelos seus desejos legítimos, não é um verdadeiro ato de amor e opõe-se a uma exigência da reta ordem moral nas relações entre os esposos. Assim também(...) um ato de amor recíproco que prejudicasse a disponibilidade para transmitir a vida estaria em contradição com o desígnio constitutivo do casamento...” (nº 13). Muitas perguntas são feitas em torno da segunda parte desta frase; far-se-ão outras tantas em torno da primeira? Ora, são tão importantes uma como a outra. É preciso que nos perguntemos sempre: Como é vivida a nossa união? Amar é entregar-se ao outro, é pôr-se ao serviço do desejo do outro, e até do seu prazer. Amar não é impor-lhe o que será por ele vivido como algo degradante, humilhante, mas também aceitar por amor ir mais longe do que espontaneamente se teria aceito ou procurado. Há toda uma linguagem de amor a encontrar e a valorizar. Deve-se sempre procurar juntos como fazer desse ato cada vez mais um ato de amor, de ternura, de confiança, de aceitação do outro, de dom ao outro.

Aliás, a experiência ensina bem depressa que esse ato será incapaz de exprimir por si só o amor se não se inscrever em toda uma vida de amor, de dom, de amizade partilhada. Se contradiz o que se passa no quotidiano da vida do casal, corre o risco de ser mentira ou violência, e não enganará por muito tempo, pois o corpo não poderá dissimular indefinidamente o que vai no coração.

O corpo traído

“A sexualidade tem, por vezes, aspectos negativos. No encontro sexual, queremos que o nosso cônjuge seja totalmente nosso. Se o nosso cônjuge tem dificuldade em fazer amor, talvez isso não seja por disfunção dos órgãos genitais mas porque talvez esteja ferido sexualmente. Pode acontecer que o nosso cônjuge deseje mais encontros sexuais do que nós; pode acontecer que ele seja desajeitado a fazer amor ou insensível às nossas necessidades. Devemos ser delicados na nossa forma de perdoar ou de procurar mudanças em matéria sexual, porque neste campo somos todos sensíveis e vulneráveis.

Se fizermos comentários sobre a pouca técnica do nosso cônjuge, correremos o risco de rejeitar toda a sua forma de amar, porque o corpo ama através da pessoa toda. Ao rejeitar o aspecto físico, corremos o risco de rejeitar o coração e tudo o mais do outro. Assim, se as coisas não correrem bem no campo sexual, é preciso ser paciente e tolerante, mostrar como as coisas podem melhorar, sem nunca diminuir o nível de amor do cônjuge”¹⁷.

Conquistar a sua sexualidade

“Aparentemente, existe um medo da sexualidade amplamente difundido, o que leva a reprimi-la. Mais uma vez, não se trata de vivê-la de maneira incontrolada. Se ela resulta “de um desejo de concupiscência, de um desejo que provoca corrupção e cobiça” (cf. 2 Pe 1,4), não leva à vida mas ao caos. É quando provoca inúmeros dramas relacionais e ocasiona inúmeras feridas, tais como abusos e violências. O dever dos cristãos é também descobrir a natureza divina na sexualidade. Isto leva a ter uma visão mais positiva da sexualidade e a situar-se em relação a ela de uma forma mais consciente e conveniente.

Quem gasta todas as suas energias a reprimi-la e a rejeitá-la faz mal a si mesmo. Faz, muitas vezes, a experiência de não

17. Jack Dominian, Conferência proferida no Encontro Internacional das E. N. S. em Santiago de Compostela, Setembro de 2000.

conseguir reprimi-la completamente. A sexualidade agride-o, então, em momentos de depressão ou de tensão, exprime-se sob a forma de auto-erotismo ou, por vezes, de comportamentos incontrolados em relação a menores de idade. Essas pessoas causam a si próprias sofrimentos ainda maiores. Atolam-se continuamente numa vida sexual que querem reprimir. Pelo contrário, quem assume pacificamente a sua sexualidade encontra nela o gosto de viver, experimenta alegria na sua vida corporal, é capaz, em todos os sentidos do termo, de desfrutar da natureza, de nela fazer a experiência de Deus, e conhece uma espiritualidade viva e criadora.

É claro que até este caminho está semeado de obstáculos. A sexualidade é uma força que não se deixa canalizar tão facilmente como gostaríamos. Mas é importante que a consideremos como uma energia que Deus nos deu de presente, como uma força boa e necessária para a nossa vida (...) e para a nossa espiritualidade. Então, encontraremos caminhos que nos hão de levar a integrá-la na nossa concepção da vida. O celibatário tomará um caminho diferente do das pessoas casadas. O que é determinante é considerar a sexualidade como uma força que vem de Deus e que também nos pode conduzir a Ele.

Fico sempre assustado ao constatar o sofrimento que provém de uma sexualidade rechaçada e reprimida, e todo o mal que as pessoas fazem a si mesmas ao não interpretar a mensagem bíblica num sentido místico mas sim recebê-la como uma palavra moralizadora. Isto porque separam totalmente Deus e o mundo e gostariam de chegar a Deus evitando o mundo; consideram a sua espiritualidade não como caminho de vida mas como estratégia de contorno para evitar as dificuldades inerentes à vida do homem.

Anselm Grün¹⁸

18. Conquérir sa liberté intérieure, Ed. de l'Atelier. Anselm Grün é abade de Münsterschwarzach, mosteiro beneditino do sul da Alemanha.

Capítulo 5

“O QUE DEUS UNIU, O HOMEM NÃO SEPARE” (MT 19,6)

Juntos para sempre: a fidelidade

Testemunhos

“Fizemos das crises ocasiões de progresso. Houve crises, mas foram situações de amadurecimento, com o esforço e a renúncia ora de um ora do outro. É importante que nos momentos difíceis haja um dos dois que seja o elemento de salvação.”

“A fidelidade não é um peso, é uma grande alegria: sabermo-nos únicos para quem é único para nós.”

“Esta tentação está em nós, faz parte de nós. Pensar que se lhe pode escapar é sonhar. Devemos aceitar que somos seres de desejo. A tentação é humana. Não a culpabilizemos; é impossível evitá-la. Reconheçamo-nos pecadores. Não nos julguemos superiores.”

“As crises e as tentações devem ser analisadas o mais profundamente possível, mesmo que não se possa fazê-lo no calor do momento; pelo contrário, um certo distanciamento temporário permite minimizar os problemas. Em contrapartida, temos que nos convencer de que um casal que sai de uma crise sai fortalecido. Não se parte do zero, parte-se de muito mais alto. O simples fato de ter ultrapassado positivamente as provações é um sinal de esperança para as provações futuras.”

“Nunca adormecer sem perdoar um ao outro!”

“Se não fosse o perdão e a reconciliação, nenhum casal se manteria unido depois da lua de mel. E, se é verdade que em todas as etapas da vida conjugal haverá ocasiões de perdão e de reconciliação, é no início da vida de casal que saber perdoar e reconciliar-se é de importância capital.”

Elementos de Reflexão

Juntos para sempre

“O verdadeiro amor não é de um dia, é de sempre”, afirmou

Charles-Ferdinand Ramuz¹⁹, e na Bíblia lemos: “Amor e fidelidade andam de mãos dadas” (cf. Sl 89).

Ao contrário destas afirmações, tudo nos leva a pensar, no mundo atual, que é despropositado acreditar na estabilidade das relações humanas. Será, então, a fidelidade uma graça concedida, uma provação sobre-humana, um ideal inacessível, ou será um desejo partilhado, uma decisão refletida?

As estatísticas disponíveis indicam que, em cada três casais, um está condenado ao fracasso. Da mesma forma, os geneticistas dizem que, se no genoma humano encontra-se uma predisposição a apaixonar-se, não se encontra qualquer suporte a sugerir que assim se continuará ou por quanto tempo os que se amam são capazes de permanecer juntos.

Segundo a psicologia comparativa, poderia parecer natural que os homens, e também as mulheres, se afastassem dos cônjuges em certos períodos e, em certas circunstâncias, fossem infiéis. Será, então, contra a natureza que pessoas que se escolheram livremente se mantenham fiéis até que a morte as separe? As leis da natureza não são leis inelutáveis que regem os nossos comportamentos. Se o homem se adapta facilmente ao seu ambiente, o seu comportamento permanece flexível: dispõe de remédios para tecer a sua história e para dar significado às relações e ao diálogo. Para se manter fiel, é preciso tomar a decisão de se manter constante, é preciso querer. A vontade desempenha um papel capital na dinâmica própria da fidelidade.

É fiel aquele “que não falta aos compromissos assumidos e que demonstra uma afeição constante”, diz o dicionário, e acrescenta: “é fiel aquele que mantém relações sexuais apenas com o seu cônjuge”. A modernidade não encoraja a monogamia nem a fidelidade, não valoriza o vínculo nem a duração. Duas pessoas que se aproximaram uma da outra e se maravilharam com os novos sentimentos de ternura que passaram a sentir uma pela outra desejam que esse estado se eternize. Prometem-se fidelidade para toda a vida. Essa promessa tenta suprir a deficiência

19. Escritor suíço (1878-1947).

que resulta da inevitável diferença que sempre separará os que se amam. É o mistério de toda relação humana. Mas qual é o enamorado que não tem a convicção íntima de que os sentimentos fortes que experimenta pelo outro resistirão à erosão do tempo e assegurarão a sua permanência?

A tensão da vida que suscita o nosso desejo e alimenta a nossa expectativa e a nossa imaginação pode, infelizmente, ser fonte de desencanto. A harmonia do casal é então corroída pelo tempo e pelas dúvidas: as experiências apaixonadas e intensas com o outro vão diminuindo, e ninguém se pode instalar na convicção de que o seu cônjuge lhe pertence até o fim dos seus dias. A partir desta dolorosa verificação, será levado a interrogar-se sobre se não terá feito um erro na escolha do cônjuge.

A ciência não nos dá remédios fáceis para forjar relações duradouras e fecundas. No entanto, as sondagens revelam que a grande maioria dos casais está satisfeita com a sua vida em comum, apesar das imperfeições do seu comportamento sexual. “Nunca te esqueças de que, num bom casal, o mais importante não é a felicidade mas a estabilidade”, diz um dos personagens do romancista García Márquez²⁰ em *O amor em tempo de cólera*. A estabilidade é um fator bem situado na escala dos critérios necessários ao êxito de uma vida de casal.

A fidelidade deve ser inovadora

Para quem ingressa no casamento como numa aventura, o “duro desejo de durar” (Paul Eluard²¹) e a fé forjam a intenção de dar sentido a uma relação, de inventar um novo estilo de vida, “de escrever uma história numa relação com o passado, numa atenção ao presente e numa vigilância quanto ao futuro” (cf. Gérard Bailhache). E, já que estou convencido de que só o outro me pode fazer feliz, e que ele, por isso, representa para mim a felicidade, poderá haver a mínima dúvida quanto à minha competência e aos meus meios para satisfazer o seu desejo, para querer o seu bem com todo o meu ser?

20. Escritor colombiano, Prémio Nobel da literatura 1982.

21. Poeta francês (1895-1952).

A parte de incerteza inerente a este pacto de solidariedade e à promessa de fidelidade pode infelizmente dar lugar também à traição, se o diálogo no casal não tiver sabido dissipar as tensões dilacerantes que resultam da oposição entre o desejo e a realidade.

A fidelidade conjugal “contra ventos e marés” é uma dimensão fundamental da nossa humanidade. São muitos os campos em que a fidelidade é importante: a religião, a família, a amizade, os compromissos... Desde Homero, ela é cantada pelos poetas em todo o mundo; faz vibrar os corações e faz correr lágrimas. Tem por objeto homens de todas as idades, mas não pode ser dissociada do amor.

Se o dicionário descreve a fidelidade como a qualidade daquele que respeita compromissos assumidos, o aspecto que aqui nos interessa é o testemunho de pessoas que cumprem a sua promessa e respeitam os seus compromissos para com o cônjuge até o limite do possível. Descobre-se, então, a força dessa fidelidade, que é a própria força da fé, tradução do latim *fides*: fé no vínculo, fé no outro e, para o crente, abertura à transcendência, à verdade e à eternidade: Deus.

A fidelidade não está em crise, ela própria é crise, porque incessantemente e a todo momento nos obriga a manter uma decisão, tomada no impulso do início, de refazer uma promessa abalada pelos cantos melódios das sereias, de voltar a dar uma palavra enterrada no esquecimento. Nem a fidelidade nem a infidelidade são fatalidades. A fidelidade constrói-se dia a dia, com perseverança e energia. Estaremos prontos a pagar esse preço por um ideal em que se fundamentam a história das nossas comunidades e o futuro do nosso casal?

A construção da fidelidade no casal assenta em quatro pilares:

- Fidelidade conjuga-se com confiança: Iniciar uma relação de confiança com alguém é uma maneira de dar ao outro a importância a que ele tem direito, de lhe dizer: Tu és uma pessoa e não um objeto intercambiável e manipulável conforme as minhas emoções, os meus desejos, os meus instintos. Mereces consideração e respeito. A fidelidade pressupõe um contrato, uma declaração de intenção e de crédito. Para dar

crédito a alguém é preciso conhecer esse alguém de verdade: é preciso confiar no ser amado; “o verdadeiro amor não é de um dia... não tínhamos nada para começar, tudo estava por fazer” (Charles-Ferdinand Ramuz). É preciso fazer um esforço para manter um vínculo e para respeitar uma promessa feita. Nos nossos esforços, somos ajudados pela representação da felicidade suscitada em nós pela ternura e pela cumplicidade com o outro, um ser de carne e osso. A manutenção do vínculo não é um apego a si mesmo, uma atitude moral que a razão nos impõe; é a encarnação de um contrato de vida, e esse contrato deve ser revisto, corrigido, retomado todos os dias, levando em conta os contratempos da vida cotidiana.

- A fidelidade desenvolve-se no tempo, e isto pode ser interpretado como um desafio lançado ao tempo. O tempo é irreversível. Não é um longo rio tranqüilo. Quantos meios é preciso pôr em ação para passar do imaginário ao real, da nostalgia do passado às previsões do futuro! O tempo é uma oportunidade para a construção de uma relação. Permite que a vida seja criativa. O tempo não é só desgaste, é também impulso vital. O amor, sobretudo, amadurece: pode melhorar, como o vinho. A harmonia que se estabelece com o tempo é certamente menos apaixonada e menos passional do que a do início, mas torna-se mais real. Já não estamos sozinhos a correr o permanente risco inerente a essa relação paradoxal de entrega de si a outro(a), de oferenda ao outro do que nos é mais caro: nós mesmos. O risco já não é solitário: a fidelidade vive-se com outra pessoa, é caminho de descoberta de si e do outro que passou a ser a pessoa mais próxima. Qualquer que seja o futuro que tivermos imaginado, ele nunca se realiza sem que tenhamos sido secretamente desiludidos. A fidelidade, tal como a ternura, tem incessantemente necessidade de palavras para se dizer, se partilhar, se construir, se recompor.
- A fidelidade passa pelo perdão. É pelo diálogo e pela escuta no respeito que caberá explorar as alegrias e as provações, as traições e as decepções que correm o risco de levar ao desencanto. Por vezes, fazem-se ouvir os apelos dissimulados da

tentação: por que será preciso renunciar? O diálogo é indispensável à construção de uma relação, ao passo que o silêncio lhe é funesto. Quando surgem divergências profundas que provocam rupturas ou traições, a frágil fidelidade humana precisa ser rodeada de tato e de solicitude. Ela não está inscrita nos nossos genes. Podemos aprender palavra por palavra e passo a passo a atravessar na paciência essas obscuridades quando já não sentimos nada, ou quando já não compreendemos nada. Toda falta pode ser perdoada, desde que se queira. O perdão está no centro da aventura conjugal e, além dos conflitos, é preciso acreditar na reconciliação possível. Quem ama verdadeiramente é levado a perdoar. Estender a mão e deixar que nos dêem a mão: eis o segredo do perdão, que não é resignação mas fonte de fecundidade e de liberdade. O perdão restitui a paz, enquanto o perdão recusado asfixia.

- A fidelidade é uma arte de viver. Não é uma ascese. É preciso sublinhar a importância do ato sexual, simultaneamente grave e leve, e levar a sério a atração dos sentidos, os seus aspectos de gratuidade, de poesia e até de desordem. Nos nossos dias, já não é possível silenciar o papel positivo do prazer carnal sobre o qual se constrói a estabilidade do casal e que não devemos asfixiar sob o peso das regras morais. A fidelidade deve ser inventiva, não se deve tornar monótona nem enfadonha. Os cônjuges são chamados a reajustar constantemente a sua vida em comum a novas referências, a cultivar o prazer de estarem juntos de modo a que bastem poucas palavras e poucos gestos de ternura para responder às expectativas do outro. Isto supõe uma grande disponibilidade e uma grande exigência, pessoal e recíproca. E quando tudo vai tão bem que já não têm vontade de se separar, é preciso poderem suportar a separação, deslocarem-se para espaços diferentes, criar lugares de solidão possível. Compete a cada um descobrir o seu espaço interior e a capacidade de nele se manter e de cultivá-lo; o que implica também respeitar o jardim secreto do outro e nunca lhe forçar a porta. O amor procura penetrar os segredos íntimos do ser amado, todavia

“o verdadeiro amor envolve os segredos da solidão do ser amado e permite que ele os guarde para si” (cf. John Merton).

Para concluir:

A fidelidade é uma atitude responsável quotidiana que nos remete ao infinito, abrindo-nos a uma história imprevisível. Este apelo é um convite a dar e a receber; ele nos leva a questões que sabemos serem vitais, um desafio “todo risco” ao desgaste do tempo. A fidelidade não é uma palavra, é um sinal. A nossa fidelidade pode apoiar-se com segurança na fidelidade de Deus. A fidelidade é o maior atributo de Deus e está associada à sua bondade paterna: Ele é o “rochedo” de Israel, nome que simboliza a sua fidelidade imutável, a verdade das suas palavras, a solidez das suas promessas. Pelo sacramento do matrimônio, Deus consagra a nossa fidelidade conjugal através do “Sim” que nos compromete para sempre.

Não será presunçoso afirmar isto quando se fez a experiência do silêncio de Deus no sofrimento e na aflição? Onde está Deus no fracasso? Temos a plena revelação disto em Jesus Cristo, de quem não só partilhamos a experiência de abandono na sua Paixão, como nela encontramos o seu pleno sentido de caminho de ressurreição. Em Jesus Cristo manifesta-se a fidelidade de Deus, que vai além de todas as promessas da Aliança. É um sinal que acena, tornando visível aos olhos dos homens o amor de Cristo pela sua Igreja. A fidelidade de Deus chama a nossa. Convida-nos a estar atentos à sua presença, não para esquecer a de um ser amado mas para subir até à fonte desse amor. “Que, em meio às mudanças deste mundo, os nossos corações se fixem onde se encontram as verdadeiras alegrias” (cf. Missal Romano).

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Que imagem da fidelidade tínhamos ao nos casarmos?
- Que aspectos da nossa vida modificaram essa imagem?
- A fidelidade é uma arte de viver: que fazemos, individualmente e em casal, para tornar a nossa fidelidade inventiva?

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Quais são os lugares onde somos chamados a ser testemunhas da nossa fidelidade?
- Como ser sinal da felicidade de ser fiel numa cultura que não encoraja a fidelidade?
- Em que a vida nas Equipes de Nossa Senhora é uma ajuda a viver a fidelidade em casal?
- Em que o Sacramento do matrimônio nos ajuda a viver a fidelidade no nosso quotidiano?

Oração

Texto para a oração - Ef 4,1-13 :

Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.

Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo, por isso se diz: Tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, concedeu dons aos homens.

Que significa “subiu” senão que Ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas.

E Ele é que concedeu a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até que alcancemos todos a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.

Textos de acompanhamento

Textos bíblicos

Única é minha pomba

Sessenta sejam as rainhas, oitenta as concubinas: (e as donzelas... sem conta) uma só é minha pomba sem defeito, uma só a preferida pela mãe que a gerou.

Vendo-a, felicitam-na as jovens, louvam-na rainhas e concubinas:

Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, terrível como esquadrão com bandeiras desfaldadas?

Cântico dos Cânticos 6, 8-10

Não traias a esposa da tua juventude

Malaquías 2,15

Goza com a esposa a tua juventude:

cerva querida, gazela formosa;
que te embriaguem sempre as suas carícias,
o seu amor te satisfaça sem cessar!

Provérbios 5,18b-19

Para sempre vou manter-lhe o meu amor;

e a minha aliança com ele será firme.

Jamais vou profanar a minha aliança
nem mudar o que saiu da minha boca

Salmo 89,29.35

Eu te desposarei a mim para sempre,
eu te desposarei a mim na justiça e no direito,
no amor e na ternura.

Eu te desposarei a mim na fidelidade
e conhecerás a Yahvé.

Oséias, 2,21-22

Outros textos

A confiança mútua

Há uma condição absolutamente necessária: a confiança mútua, total, sem reservas. A confiança atrai a confiança, como a desconfiança atrai a desconfiança. Há uma dinâmica da confiança. A confiança é contagiosa. É evidente que o entendimento sexual é absolutamente necessário à confiança mútua, porém não é suficiente. Se o abraço deve ser uma conversa, a conversa deve ser um abraço, o que supõe renúncia à perigosa quimera da fusão. Se se alimenta este sonho, um domina o outro e o esmaga ou então a verificação do fracasso leva a um divórcio.

Jacques de Bourbon Busset
Trechos da revista Alliance, nº 100-101

Lembras-te, mulher?

Lembras-te, mulher?

não tínhamos nada para começar, tudo estava por fazer.

E pusemos mãos à obra, mas é difícil.

É preciso coragem, perseverança.

É preciso amor,

e o amor não é o que pensamos quando começamos.

Não são só beijos que se trocam,

aquelas palavrinhas que segredamos ao ouvido

ou ficarmos apertados um contra o outro;

o tempo da vida é longo,

o dia do casamento é só um dia.

Foi depois, — lembras-te? —

foi só depois que a vida começou.

É preciso fazer, e está desfeito;

é preciso refazer, e continua desfeito.

Vêm os filhos, é preciso alimentá-los, vesti-los, educá-los;

nunca mais acaba.

Também acontece ficarem doentes;

tu ficavas de pé a noite toda;

eu trabalhava de manhã à noite.

Há ocasiões em que desesperamos;

e os anos passam e não avançamos.

Parece que voltamos para trás.
Lembras-te, mulher?
Todas aquelas preocupações, toda aquela canseira.
Só que tu estavas ali.
Continuamos fiéis um ao outro.
E assim pude apoiar-me em ti,
e tu te apoiavas em mim.
Tivemos sorte em estar juntos,
pusemo-nos os dois ao trabalho,
subsistimos, resistimos.
O verdadeiro amor não é o que se pensa.
O verdadeiro amor não é de um dia, é de sempre.

Charles-Ferdinand Ramuz

Aliança de Amor²²

O pensamento do Papa João Paulo II sobre a sexualidade, o matrimônio e a família no mundo moderno:

O dom que um homem e uma mulher fazem um ao outro no casamento deve ser indissolúvel enquanto ambos viverem. Entregam-se um ao outro e, em troca, recebem o dom do outro. Uma vez concedido, o dom não pode ser retirado. Uma vez recebido, o dom do outro nunca pode ser rejeitado. Como sublinha a exortação apostólica *Familiaris Consortio*, “a indissolubilidade do matrimônio... [é] sinal e exigência do amor absolutamente fiel que Deus tem pelo homem e que o Senhor Jesus manifesta para com a sua Igreja” (nº 20). Por outras palavras, o amor de Deus caracteriza-se sempre por uma fidelidade perfeita. O amor humano, por ser reflexo do amor de Deus, também deve ser fiel para sempre. Deus é sempre fiel no seu amor, pois qualquer grau menor de amor não seria dom total de si mesmo. Um dom, quando é total, não é limitado nem por graus de intensidade

22. Extraído de Richard M. Hogan e John M. Levoir, *Covenant of love, Pope John Paul II on sexuality, marriage and family in the modern world* 4 Extraído de Richard M. Hogan e John M. Levoir, *Covenant of love, Pope John Paul II on sexuality, marriage and family in the modern world*, Ignatius Press, p. 80.

nem no tempo!

Espanto-me sempre, diz Deus

Espanto-me sempre, diz Deus,
quando ouço as pessoas dizerem
"Somos casados."
como se num dia eles se casassem!
Deixem-me rir.
Como se eles se casassem uma vez por todas.
Pensam que já conseguiram,
e que podem viver,
viver de sua renda de amor de pessoas casadas.
Como se num dia eles se casassem,
como se bastasse darem-se uma só vez,
uma vez por todas;
como se eu mesmo
tivesse feito o mundo em um dia;
como se não fosse preciso, a todo o custo,
por simples bom senso,
casar-se todos os dias que eu faço.
Os homens não duvidam de nada!
Duas metades têm tanto a casar!
Quando se viveu vinte anos sozinho,
rapaz sozinho,
moça sozinha,
tão diferentes,
de cepas estranhas uma da outra
desde há gerações.
Quantas coisas a dar
e a receber.
Quantas coisas a receber
e a dar, meus filhos!

Charles Péguy

Capítulo 6

“CADA UM DE NÓS PRESTARÁ CONTAS A DEUS DE SI PRÓPRIO”

(RM 14,12)

A consciência

Testemunhos

“A Igreja aparece-nos como um farol erguido no meio do mar para nos iluminar e guiar as nossas consciências na procura do que é bom para o homem.”

“A Igreja é perita em matéria de conhecimento do homem; é mestra em humanidade.”

“A Igreja não é demasiado rígida; o homem precisa de orientações e de exigência. Sua meta é muito alta, mas isso não é rigidez. Usa de uma linguagem de amor; quer preservar o amor, a procriação, o respeito pelo outro.”

“No nosso mundo demasiado permissivo, é importante mostrar que a Igreja não impõe proibições mas quer realizar a promoção humana de todos e do casal em particular.”

“A obediência estrita à doutrina da Igreja (segundo a *Humanae Vitae*) foi para os membros da nossa equipe (todos têm atualmente mais de 45 anos) causa de perturbação, de problemas de consciência e, em certos casos, de afastamento temporário dos sacramentos. Para alguns casais que conhecemos, a aplicação rigorosa destas normas levantou sérios problemas.”

“Uma correta formação da consciência não se faz “de uma vez por todas”. É preciso uma atitude permanente de procura, que se torna estilo de vida. Ao mesmo tempo, é necessária uma disponibilidade para a mudança... Não se pode “padronizar” a consciência: ela é própria de cada indivíduo e, no casamento, do casal. Casais diferentes, que se prepararam no mesmo espírito de verdade, podem ter comportamentos diferentes e tomar decisões diferentes diante dos mesmos problemas.”

Elementos de Reflexão

Consciência (Cum scientia) = saber com Deus, o que o homem conhece do próprio saber de Deus. Agir segundo a sua consciência? Muitas vezes, esta pergunta surge quando somos confrontados com um dilema, com uma situação em que o nosso interesse pessoal parece opor-se às recomendações do Magistério. Vejamos alguns exemplos concretos:

Que devemos fazer?

Desejamos loucamente, há anos, um filho, mas a natureza no-lo recusa; acabaremos recorrendo à fertilização in vitro e transferência de embrião, mesmo sabendo que o Magistério se opõe a essa prática?

Temos “a consciência tranqüila”; respeitamos os métodos de auto-observação preconizados pela Igreja, mas só temos dois filhos, quando nos seria fácil ter mais!

Temos quatro filhos; a minha mulher não goza de boa saúde e não podemos por enquanto pensar em outro nascimento; os métodos de auto-observação não nos parecem suficientemente seguros. Será que ela pode tomar a pílula durante algum tempo?

Utilizo um preservativo durante os períodos férteis, ou privilegio a continência durante esses períodos?

E aqui estão dois casos que podem parecer casos limite mas que são reais:

- A minha filha sofre de trissomia e gosta de um rapaz que tem a mesma deficiência; esse amor lhes dá grande felicidade, mas eles são incapazes de criar um filho; devemos aconselhar-lhes utilizar um meio de contracepção “ilícito”?
- A minha mulher e eu (25 anos) descobrimos, depois do nascimento de um filho natimorto, gravemente anormal, que os exames do nosso cabedal genético nos davam duas probabilidades em três de pôr no mundo crianças altamente deficientes. Mas queremos ter filhos. Deveremos seguir o parecer do nosso médico, que aconselha um aborto terapêutico em caso de grave anomalia detectada na ecografia? Se não, que fazer?

Tentemos ver as coisas com mais clareza

As linhas que se seguem não dão respostas prontas, mas projetam uma luz que deveria ajudar cada um a aprender a tomar uma decisão no seu caso particular, único. Não trataremos aqui da consciência psicológica, que se assemelha ao simples conhecimento (tem-se consciência da ternura de uma mãe, da iminência de um temporal...), mas da consciência moral, que ultrapassa esse simples conhecimento, dando-lhe um valor de bem ou de mal que nos compromete pessoalmente.

Na Declaração *Dignitatis Humanae*, do Concílio Vaticano II (nº 3c: nº 1540), lê-se: “O homem ouve e reconhece os ditames da lei divina por meio da própria consciência, que ele deve seguir fielmente em toda a sua atividade, para chegar ao seu fim, que é Deus. Não deve, portanto, ser forçado a agir contra a própria consciência. Nem deve também ser impedido de atuar segundo ela...”. Notemos, de passagem, que a Igreja não é a única a interessar-se pela consciência: em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu número 18, afirma: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião”.

Na Constituição *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II (16:Nº 248), encontramos uma longa exposição sobre a consciência, que vai servir de fio condutor para a nossa reflexão:

1. “No fundo da própria consciência, o homem descobre a presença de uma lei, que ele não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer. Essa voz, que o está sempre chamando a fazer o bem e a evitar o mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faze isto, evita aquilo. De fato, o homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e é por ela que será julgado.
2. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, onde ele está sozinho com Deus, e onde ressoa a Sua voz.
3. Pela consciência, se descobre de modo admirável aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo.
4. Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e da solução justa de inúmeros

problemas morais que surgem tanto na vida individual como social. Quanto mais, portanto, prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por conformar-se às normas objetivas da moralidade.

5. Não raro, contudo, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem perder no entanto a sua dignidade.
6. Isto, porém, não se pode dizer quando o homem não se preocupa suficientemente com a investigação da verdade e do bem, e quando a consciência se vai progressivamente cegando pelo hábito do pecado.”

Analisemos esses seis parágrafos:

No § 1 há dois pontos importantes: a lei é inscrita por Deus no coração do homem (*Deus in nobis*), Deus no interior de nós mesmos, cruzando o infinitamente distante e o infinitamente próximo, e nós devemos obedecer-Lhe. Essa voz chama-nos sempre a amar e praticar o bem e a evitar o mal, e essa obediência deve ser feita sem considerar a adequação ou não dessa voz a esta ou àquela norma exterior. Compara-se, muitas vezes, a consciência a uma bússola. A imagem é apropriada: o navegador deve submeter-se à bússola, não pode escolher outro norte; o barco que se toma a si mesmo como ponto de referência não vai a lugar algum.

O § 2, ao comparar a consciência a um santuário inviolável, insiste com força na dignidade da consciência do homem. Esse santuário é uma “câmara alta”, protegida contra toda e qualquer intervenção exterior, para a qual o homem se retira para decidir o seu futuro, e na qual ele é o único a penetrar com o seu Criador. Mais ainda, este parágrafo dá a entender que, em última análise, ninguém pode dizer de alguém que tenha desobedecido à sua consciência ou que a tenha seguido. Só a própria pessoa pode avaliar se foi até o fundo da sua consciência, em situações em que nem sempre está de posse de todos os dados...; daí a importância da formação e da escuta, retomada nos dois parágrafos seguintes.

O § 3 sublinha a importância desta “descoberta”: a escuta e o acolhimento da lei interior pela consciência realizam-se “de modo

admirável”. É a luz que nos vem de descobrir que nos sentimos em harmonia com o desígnio de Deus, com a vontade de Deus a respeito da nossa vida. “No mais íntimo dele mesmo, o homem experimenta a irradiação da verdade de Deus no seu ser. É essa a lei. Não é primeiro a percepção de um interdito exterior a si. Não é uma realidade fria e impessoal. Trata-se de uma luz, de uma atração, de uma revelação pessoal.”

O § 4 põe a tônica na necessidade da formação de uma “consciência reta”; trata-se não de uma “consciência boa”, como se diz em linguagem corrente, que seria uma satisfação fácil e sem demasiada reflexão, mas de uma procura esmiuçada do verdadeiro bem; no fundo, “ter uma consciência reta é ser reto para com a própria consciência”. Trata-se, na verdade, de esclarecer a própria consciência e de ser responsável não só “perante” a sua consciência mas também “pela” sua consciência. “A consciência, escreve o Cardeal Pierre Eyt²³, não é um oráculo, mas um órgão que se exerce, se informa, se forma, se ilumina, se desenvolve, se afina”.

A Encíclica *Veritatis Splendor*, do Papa João Paulo II, chama a “formar a consciência e a fazer dela objeto de uma conversão contínua à verdade e ao bem” A procura de uma consciência é um caminho de conversão para toda a vida, e quem diz “caminho” diz também “caminhada”, “progressão”, “gradualidade”. A iluminação da consciência pode ser orientada:

- pelos acontecimentos (ainda que a sua interpretação nem sempre seja simples);
- pela reflexão (o exercício da inteligência que se instrui, raciocina, argumenta);
- pela oração e pela vida sacramental (eucaristia, reconciliação);
- pela mediação de outras pessoas ? pais, educadores, amigos;
- pelo Magistério, essa “memória da Igreja que atualiza as exigências dos apóstolos” (e, por conseguinte, de Cristo), que não tem que acrescentar leis mas que explicita e precisa o que significa amar Cristo e segui-lo.

Finalmente, a consciência toma, por vezes, justamente o as-

23. Arcebispo de Bordéus, França, falecido em 2001.

pecto de uma pessoa: “A minha natureza”, diz o Cardeal Newman, “ouve a voz da consciência como uma pessoa: quando lhe obedeco, fico satisfeito; quando lhe desobedeço, sinto-me triste, exatamente como quando agrado ou não a um amigo que me é muito querido (...). Um eco implica uma voz; uma voz, alguém que fala; aquele que fala é aquele que amo e venero”.

Os § 5 e 6 apresentam-nos dois tipos de “consciência errônea”. Só uma é digna: a que se extravia em consequência de uma ignorância invencível. A ignorância invencível é a ignorância de uma pessoa que, tendo feito tudo o que estava ao seu alcance para procurar a verdade (oração, leituras, conversas...), não conseguiu entender a razão de tal atitude moral proposta pela Igreja. Continuando a prestar atenção, continuando a manter em alerta o seu “radar” para o caso de alcançar uma percepção maior, é dever de cada um obedecer, em última análise, à sua consciência. Santo Tomás de Aquino considera mesmo uma obrigação obedecer à sua consciência sob pena de pecado. Porque o nosso dever é ir até onde a nossa consciência viu que se encontrava o bem. Com efeito, uma velha máxima da escolástica recorda-nos que nunca é permitido escolher deliberadamente o que em consciência julgamos ser o mal.

O § 6, por sua vez, evoca também a realidade da ignorância, mas aqui trata-se de uma ignorância que é fruto de uma “consciência preguiçosa”; não se fizeram os esforços que poderiam ser feitos; a pessoa fechou-se num certo número de certezas mais ou menos confortáveis e desligou o seu “radar”. Esta situação é particularmente grave. O Catecismo da Igreja Católica não hesita em afirmar que “a ignorância simulada e o endurecimento do coração não diminuem, antes aumentam, o caráter voluntário do pecado” (nº 1859).

Estas reflexões acerca da consciência devem deixar-nos cheios de confiança e de serenidade. É claro que, como indicamos no início deste capítulo, não trazem soluções prontas; mas a nossa “boa vontade”, com a graça de Deus e o apoio da sua misericórdia, far-nos-á descobrir como exercer uma “consciência reta” e então poderemos tender ao “ideal que consiste nisto: que a voz

de Deus venha a tornar-se interior e agir em nós como o nosso próprio dinamismo”, como diz Marcel Domergue²⁴.

Perguntas

Para o diálogo em casal

- Dialoguemos acerca de um problema que a nossa consciência nos permitiu resolver: como esclarecemos a nossa consciência?
- Que esperamos um do outro para que possamos ajudar-nos mutuamente a exercer a nossa consciência? A minha consciência preocupa-se com o desabrochar do meu cônjuge, com o seu desejo, com o meu, com as suas repugnâncias, com as minhas?
- Em que campos temos uma consciência de casal?

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Que meios temos na equipe, na Igreja, para alimentar a nossa consciência? Como os utilizamos?
- Que pontos do magistério constituem obstáculo para nós? Por que? Rejeitamos esses pontos por si mesmos ou apenas os rejeitamos pelas suas implicações em nosso casal?
- Em que esta reflexão sobre a consciência nos pode ajudar a passar de uma atitude de obediência passiva, ou de rejeição, a uma atitude de aceitação pessoal dos ensinamentos do Magistério?

Oração

Texto para a oração - Jo 3,4-8 :

Perguntou-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?”.

Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é

24. Padre jesuíta francês.

espírito. Não te admires de eu te haver dito: deveis nascer do alto.

O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”.

Textos de acompanhamento

Grava-me em teu coração

Grava-me como selo em teu coração, como selo em teu braço porque forte como a morte é o amor, cruel como o abismo é a paixão, suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de Iahweh!

As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... Seria tratado com desprezo.

Cântico dos Cânticos 8, 6- 8

A consciência

“A consciência é como o núcleo mais íntimo e secreto do homem; é lá que ele se refugia com as suas faculdades espirituais, numa solidão absoluta, só consigo mesmo, ou melhor, só com Deus, cuja voz se faz ouvir. É aí que ele se decide pelo bem ou pelo mal, é aí que escolhe entre o caminho da vitória e o da derrota. Mesmo se quisesse, o homem nunca conseguiria livrar-se dela; com ela, quer ela o aprove quer o condene, ele percorrerá todo o caminho da vida e, ainda com ela, testemunha privilegiada, verídica e incorruptível, ele se apresentará ao juízo de Deus.

Por conseguinte, a consciência é, para retomar uma imagem antiga mas perfeitamente apropriada, um santuário no limiar do qual todos devem parar: todos, até o pai, até a mãe, quando se tratar de uma criança; só o sacerdote lá entra como médico das almas e como ministro do sacramento da penitência. Mas nem por isso a consciência deixa de ser um santuário zelosamente guardado, cujo segredo o próprio Deus quer que seja preservado sob o selo do mais sagrado dos silêncios.”

Pio XII
(Texto citado por Mons. Brugùes)

Ousar a liberdade

Se autoridade quer dizer abuso de poder,
então aquele homem deve calar-se.
Se autoridade quer dizer ditador,
então é preciso reduzi-lo ao silêncio.

Mas não abusa do poder
aquele que ousa interpelar o homem,
aquele que ousa dizer a verdade,
quando as suas armas são o Amor
e a ternura,
quando os únicos soldados que o servem
são simples pescadores,
homens do povo,
então não se pode falar de ditadura!

Aquele que fala aos homens deste tempo
apela para a liberdade de cada um.
Diz: "Vocês têm uma consciência..."
Mas apelar para a liberdade
é um crime nesta época,
tudo está tão bem inscrito na lei.

O que é espantoso no Evangelho
é esse sopro de vida,
essa Palavra de esperança,
Palavra que nasce com uma criança
e que cresce na vida dos homens.
Então, hoje, ousemos a liberdade...

Charles Singer

Celebrar o ano 2000²⁵!

Como tudo o que é humano, a consciência humana pode enganar-se e expor-se a ilusões e a erros. É uma voz sutil que pode ser abafada pela algazarra de uma forma de viver desviada,

ou quase asfixiada por um persistente hábito de pecado grave.

A consciência deve ser alimentada e formada, e a melhor maneira de formá-la — pelo menos para aqueles que receberam a graça da fé — é referi-la à revelação bíblica da lei moral, interpretada com autoridade, com o auxílio do Espírito Santo, pelo Magistério da Igreja. (Cf. TPS 39/3)

Estamos arrependidos ou satisfeitos conosco? “Devemos acolher a mensagem que nos vem da parábola evangélica do fariseu e do publicano (cf. Lc 18,9-14). O publicano talvez pudesse ter alguma justificação para os pecados cometidos, de modo a diminuir a sua responsabilidade. Contudo, não é nestas justificações que se detém a sua oração, mas na própria indignidade face à infinita santidade de Deus: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador” (Lc 18,13). O fariseu, pelo contrário, justifica-se por si só, encontrando talvez uma desculpa para cada uma das suas faltas²⁶.

“Defrontamo-nos, assim, com dois comportamentos diferentes da consciência moral do homem de todos os tempos. O publicano apresenta-nos uma consciência “penitente”, que está plenamente ciente da fragilidade da sua natureza e vê nas suas faltas, independentemente das justificações subjetivas, uma confirmação do fato de precisar de redenção. O fariseu mostra-nos uma consciência “satisfeita consigo mesma”, mergulhada na ilusão de poder observar a lei sem a ajuda da graça e está convencido de não precisar da misericórdia.

“A todos é pedida uma grande vigilância para não se deixar contagiado pela atitude farisaica que pretende eliminar a consciência dos próprios limites e do próprio pecado, e que hoje se exprime particularmente na tentativa de adaptar a norma moral às próprias capacidades e interesses, e até na rejeição do conceito mesmo de norma.” (Veritatis Splendor, 104-105).

25. Reflexões sobre Jesus, o Espírito Santo e o Pai. Textos do Papa João Paulo II, escolhidos e apresentados por Paul Thigpen.

26. Extraído de *Celebrate 2000!*, p. 153.

Capítulo 7

“SEDE FECUNDOS” (GN 1,28)

Dar fruto: a fecundidade

Testemunhos

“A fecundidade carnal é uma riqueza incrível, que nos faz participar de uma maneira concreta e maravilhosa na criação, mas o nosso casamento dá-nos uma vocação ainda mais ampla, mais prodigiosa: a de tornar fecundo o nosso cônjuge em toda a sua vida, e não apenas no seu corpo. A felicidade é o desabrochar do cônjuge no casal! (...) O ato sexual não se pode limitar a criar filhos, cria o casal, faz desabrochar o cônjuge, continua a nos alimentar, como casal, para sermos criadores de bens espirituais, em tudo o que vivemos, na vida quotidiana, na vida profissional, na vida social, nos nossos compromissos (não só os de Igreja).”

“Em equipe, percebemos melhor o sentido profundo da fecundidade para um casal sem filhos. Um casal de nossa equipe, confrontado com este doloroso problema, explicou-nos a sua caminhada: desde um sentimento de revolta, num primeiro tempo, até a tomada de consciência de “outro” meio para o casal ser fecundo, por tudo o que faz fora do lar, no voluntariado, etc.”

“Senti-me pai de repente no momento em que o meu filho chorou. Por outro lado, eu tinha o sentimento de que a minha mulher já era mãe havia nove meses. Quando me tornei pai, entendi Deus.”

“Os sentimentos que a cada nascimento se revelavam eram em primeiro lugar de orgulho e de intensa alegria. O filho era a materialização do nosso amor, amor que tinha necessidade de sair de nós mesmos. Depois, a intensa alegria transformava-se numa enorme esperança, num desejo, em projetos para os filhos; esses são do domínio do sonho: os nossos filhos nos ensinaram outra forma de amor: a humildade, a escuta, a atenção,

a paciência, a disponibilidade.”

“Transmitir a vida ultrapassa-nos, faz-nos tocar o mistério da vida. É um dom de Deus, uma parcela do poder de Deus, uma grande fonte de alegria. O mistério da vida é algo de fantástico! Da felicidade e do amor de um casal, dessa união física surge um novo ser. Uma nova pessoa. Tão misteriosa e tão diferente daquelas que já existem! E foi a nós, um casal entre tantos outros, que foi dado ser o instrumento da mão divina do Criador. Ele permite-nos ser criadores, possuir em nós mesmos os elementos capazes de dar origem à vida. Absurdamente fantástico, divino e régio!”

“Maternidade e paternidade responsáveis: este é o ponto crítico; e, sem cessar, levanta-se em nós essa interrogação: onde está a fronteira entre os nossos cálculos e o projeto de Deus? Na base de uma estabilidade do casal, há a responsabilidade comum pelo projeto de fecundidade biológica.”

“O importante não é o método em si, mas o comportamento dos esposos face à sua própria vida e à vida dos filhos; a escolha do método vem em consequência disso...”

Elementos de Reflexão

A fecundidade é um dom de Deus

Antes de falar da regulação da natalidade, sublinhemos, como muitos equipistas o fizeram nos seus testemunhos, o quanto a fecundidade é uma bênção e um dom de Deus. “Na Bíblia, a fecundidade ocupa um lugar essencial. Nunca é considerada de maneira negativa, como um perigo, a não ser nos períodos de grandes catástrofes, em que a mãe terá a provação do sofrimento dos seus filhos. A fecundidade é uma bênção divina, e a esterilidade o pior dos males que podem afetar uma mulher. Uma prática anticoncepcional por parte do homem é um crime, pois lesa a mulher do direito de ser mãe, e constitui um obstáculo à bênção de Deus. Uma prole numerosa

27. Jacques de Longeaux, sacerdote de Paris, em *Amour, mariage et sexualité*, Ed. Mame / Cerf, p. 7.

é a recompensa do justo”²⁷.

A questão da fecundidade do casal não pode ser reduzida à da regulação da natalidade. O dinamismo do amor leva-o para além do instante presente e até mesmo para além da pessoa amada. Se permite habitar o presente, o amor não se contenta em se fechar no presente. Se ele se experimenta e se recebe como um dom, o amor é portador do desejo de que esse dom se prolongue, se redobre, repercuta dando frutos, encarnando-se em vidas que ultrapassam as das pessoas que se amam. Isto já se experimenta no próprio amor carnal: o desejo tende para a unidade, ao passo que o prazer é vivido como uma vertigem em que o sentimento dos limites individuais parece momentaneamente abolido. “O homem unir-se-á à sua mulher, e tornar-se-ão uma só carne” (Gn 2,24). Tudo se passa como se, no momento em que os amantes têm o sentimento de “cair um no outro”, eles tivessem a intuição confusa de que a sua unidade só se pode realizar para além deles mesmos, numa terceira vida que sobreviverá àquela união passageira e na qual se misturarão os seus traços, os seus sangues, os seus patrimônios genéticos. Esta aspiração muito profunda é uma das causas de sofrimento dos casais que não podem ter filhos. De fato, o sofrimento é o reverso desse grande desejo; essa impossibilidade é vivida como uma deficiência, uma provação.

E se, como todos sabemos, muitos desses casais privados de fecundidade biológica se mantêm, é porque, muitas vezes, depois de terem ultrapassado essas dificuldades específicas, descobriram outras formas de fecundidade. Porque a fecundidade carnal através da vinda do filho, embora muito valiosa, não é a única forma de fecundidade; outras formas podem ser vividas por todo e qualquer casal, seja ele quem for.

Outras formas de fecundidade

- Em primeiro lugar, a fecundidade interpessoal. O primeiro fruto do amor é o próprio amor e tudo o que ele suscita de potencial de vida em cada uma das pessoas e entre elas. Há, com efeito, como uma vida nova que brota entre as pessoas,

vida para a qual cada uma delas poderá nascer ou renascer com parte de si mesmo, manifestar riquezas escondidas, curar algumas feridas. O amor autêntico é fonte de geração recíproca, o amor autêntico consiste em dar vida um ao outro.

- A fecundidade também pode ser social. A vida de um casal estável é a de uma comunidade, e está na lógica dessa comunidade não se manter isolada. Que seria dessa comunidade em que nunca ninguém fosse acolhido? A hospitalidade de um casal tem algo de específico em relação à de uma pessoa solteira. O mesmo se dá quanto aos compromissos que o casal poderá assumir na vida social, associativa, política ou eclesial. A contribuição de um casal está profundamente ancorada no que ele vive no mais íntimo de si mesmo, nesse permanente intercâmbio bipolar masculino-feminino. Por outro lado, pelo testemunho da sua fidelidade, ele traz uma nota de estabilidade num ambiente por vezes muito instável.
- A fecundidade é também, e talvez sobretudo, espiritual. A paternidade e a maternidade autenticamente vividas são, em primeiro lugar, espirituais: unem almas ao passarem por Deus, mediador e fonte de toda a fecundidade. A paternidade e a maternidade espirituais geram uma relação em que uma pessoa permite à outra descobrir uma parte de si mesma, comunicando-lhe não apenas um saber ou um saber-fazer mas, para além disso, uma vida. Casar-se é, pois, comprometer-se a construir um lugar em que possam surgir e crescer vidas novas. Querer viver as fecundidades de um casal é ter em vista mais do que o casal, é ter em vista a realização de uma comunidade e a sua integração numa comunidade mais ampla, é tomar consciência de que o casal que se ama é chamado a dar origem a algo maior do que ele, a uma família, a um lar, a um lugar de intercâmbio e de crescimento.

O Magistério e a regulação da fertilidade

O que está em jogo e é essencial para o casal é o domínio

desta fecundidade. Inscreve-se num projeto conjugal e parental que procura valorizar as diversas formas de fecundidade. Passa, para a maior parte dos casais, pela regulação da fertilidade. Porque, muitas vezes, entre o desejo de ter um filho, que nos habita quase todos ainda que de forma diferente e variável, e o desejo de gravidez na mulher, vão interpor-se múltiplos fatores, quer a nível pessoal, quer conjugal ou familiar.

Não podemos criar todos os filhos que a natureza nos pode dar e, durante séculos, a impossibilidade de controlar os nascimentos foi vivida como uma fatalidade. A partir do fim do século XX, o domínio da natalidade passou a ser cientificamente possível e, por conseguinte, objeto de discussão. Que podemos dizer a respeito?

Eis algumas reflexões do Pe. Xavier Thévenot²⁸ :

“A Igreja é favorável à regulação da natalidade desde que as motivações dos cônjuges sejam conformes à exigência do amor evangélico”; concordaremos facilmente com este ponto: não se trata, é claro, de evitar em todos os casos a vinda de um filho, quando o casal teria todas as razões do mundo para esperá-lo.

“Qualquer método exige um diálogo regular e profundo entre os cônjuges”; cada um deve sentir-se implicado na escolha fundadora do lar, e o diálogo deve ser retomado com a mesma seriedade quando a situação do casal tiver evoluído. Além disso, “um método ideal de regulação deveria satisfazer as seguintes condições:

- Caso seja possível, ser suportado equitativamente pelos dois cônjuges... cada um deve respeitar o outro na sua diferença.
- Não medicalizar excessivamente a relação sexual, por razões tanto sociais (limitar a intervenção da medicina, cujos desenvolvimentos levantam mais problemas do que resolvem) quanto íntimas (conservar na relação sexual a sua “poesia”... “e sobretudo a sua profundidade e o envolvimento de todo o ser”).
- Permanecer da responsabilidade dos cônjuges e nunca

28. Reflexões extraídas do seu livro *Repères éthiques pour un monde nouveau*, Ed. Salvator, 1982, pp. 79-83.

sujeito a uma exigência governamental.

- Finalmente, ser reversível e o mais satisfatório possível, tendo em conta a situação particular do casal que procura limitar o número de filhos.”

“A Igreja”, escreve o Pe. Thévenot, “no seu Magistério, procura levar em conta estas realidades. Ela recorda com vigor que é muito importante o que está em jogo a nível humano na regulação da natalidade. Mais, ela se esforça por indicar aos cristãos que tipo de método mais se aproxima do método “ideal” definido acima.”

“Segundo o Magistério, os métodos chamados “naturais”²⁹ são os que têm maiores possibilidades de ser humanizantes. Com efeito, esses métodos apresentam, apesar dos seus inconvenientes, muitas vantagens. Em primeiro lugar, são pouco medicalizados e escapam completamente ao estreito controle dos governos. Sobretudo, envolvem os dois cônjuges. Como nota João Paulo II, “a escolha dos ritmos naturais comporta a aceitação do tempo de cada um (...), e com isto também a aceitação do diálogo, do respeito recíproco, da responsabilidade comum, do domínio de si. Isso convida a reconhecer o caráter ao mesmo tempo espiritual e corpóreo da comunhão conjugal, como também a viver o amor pessoal na sua exigência de fidelidade” (*Familiaris Consortio*, 32). Os cristãos são, pois, convidados pelo Papa a reconhecer que o ensinamento de Paulo VI na encíclica *Humanae Vitae* constitui uma “norma para o exercício da sexualidade” (*ibid.*, 34).”

O Papa João Paulo II lembra em sua catequese de 29 de agosto de 1984 que “a Encíclica *Humanae Vitae*, ao mesmo tempo que demonstrou que a contracepção é um mal moral, aprovou plenamente a regulação dos nascimentos, e nesse sentido aprovou a ‘paternidade e a maternidade responsáveis’”.

No nível das normas: “Contudo, é importante compreender

29. Neste contexto, “natural” significa: que respeita a natureza do ato e não perturba o ritmo da natureza. Seria preferível falar de “métodos de auto-observação” do que de “métodos naturais”.

bem qual o papel da norma na vida cotidiana. Uma norma não é uma receita. Tem por função indicar o caminho mais usual de humanização. É para cada um como uma referência que o obriga a sair das suas impressões imediatas para avaliar o que realmente está em jogo nos seus comportamentos. É o fruto de uma reflexão sobre a experiência humana e cristã que levou em conta todas as dimensões do agir, inclusive as suas dimensões sócio-coletivas, e as suas prováveis repercussões a longo prazo. A norma é o que nos faz ver a ação à luz do objetivo final a atingir, ou seja, o crescimento em nós da imagem de Deus. Em resumo, cada norma é um desafio à reflexão para verificar se estamos realmente acolhendo o Reino de Deus.”

“Todavia, é preciso levar em consideração dois fatos: em primeiro lugar, nem todas as normas são observáveis simultaneamente. Por exemplo, é freqüente a norma “não recusarás a fecundidade” estar em conflito com a norma “velarás pelo desabrochar do teu cônjuge”. Em segundo lugar, nem toda norma é sempre aplicável aqui e agora por determinada pessoa, em virtude de dificuldades pessoais ou sociais incontornáveis. Por exemplo, certas mulheres têm um ciclo tão irregular que lhes é impossível recorrer a métodos contraceptivos “naturais”.

Para levar em consideração esses dois fatos, João Paulo II introduz, na sua exortação apostólica, a noção de “lei da gradualidade”, que é um convite a tender a mais amor, levando em conta as situações na sua complexidade.”

Em sua catequese de 3 de outubro de 1984, João Paulo II nos diz: “não pretendemos esconder as dificuldades, por vezes graves, inerentes à vida dos esposos cristãos: para eles, como para todos, ‘estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida’ (cf. Mt 7,14). Contudo, a esperança desta vida deve iluminar o seu caminho quando eles se esforçam corajosamente por viver o tempo presente com sabedoria, justiça e piedade, cientes de que a figura deste mundo é passageira” (*Humanae Vitae*, 25).

“Concretamente, um casal cristão que escolhe um método deve deixar-se interpelar pela orientação do Magistério e verificar se, para ele, um método natural não é de fato possível.(...)

Caso os esposos julguem esta prática impossível:

“Depois de uma reflexão comum feita com todo o cuidado que exige a grandeza da sua vocação conjugal, os esposos optarão por outro tipo de método, mantendo, contudo, “o coração disponível ao apelo de Deus, atentos a qualquer nova possibilidade que interpele a sua escolha ou o seu comportamento de hoje.”³⁰

Os métodos de regulação da fertilidade

“O princípio da moral conjugal ensinado pela Igreja (Concílio Vaticano II, Paulo VI) é o critério da fidelidade no plano divino.

Conforme esse princípio, a encíclica *Humanae Vitae* estabelece uma clara distinção entre o que constitui o método ilícito de regulação dos nascimentos ou, mais precisamente, da regulação da fertilidade, e o método moralmente reto.

Há uma diferença essencial entre os dois casos (*Humanae Vitae*, 16): num caso, os cônjuges utilizam legitimamente uma disposição natural; no outro, impedem o desenrolar dos processos naturais”. (João Paulo II: “Homem e Mulher Ele os criou”, catequese de 8 de agosto de 1984).

Embora esses métodos sejam conhecidos, pareceu-nos ser útil recordá-los, mesmo que não seja de forma exaustiva.

Métodos moralmente lícitos

– Métodos dos períodos infecundos:

- o antepassado: “Ogino” (para memória);
- os métodos de auto-observação (MAO), baseados na observação pela própria mulher dos sinais que a natureza lhe apresenta durante o seu ciclo; podem incluir-se nesta categoria:
 - o método das temperaturas;
 - o método sintotérmico (que leva em conta ao mesmo tempo o muco cervical e a posição do colo do útero);
 - o método “Billings” (unicamente o muco cervical);

30. Comentário dos bispos franceses à Encíclica de Paulo VI *Humanae Vitae* sobre a regulação da natalidade. 3.

- os métodos do tipo “Persona”.

No contexto desses métodos, uma vez bem conhecido o período fértil e, é claro, na hipótese de o casal não desejar a vinda de um filho, podem considerar-se vários comportamentos: a abstinência periódica nos períodos férteis, a “ternura continente”, que dá lugar a uma ternura de carícias muito mais desenvolvida.

Métodos moralmente ilícitos

- Métodos contraceptivos nos quais se intervém para evitar o encontro dos espermatozóides com o óvulo:
 - os espermicidas
 - os preservativos;
 - os contraceptivos (a pílula), que bloqueiam a ovulação, ou, sem bloqueá-la, tornam o muco cervical infértil, o que respeita mais o ciclo hormonal da mulher
- Métodos abortivos:
 - os dispositivos intra-uterinos antinidificatórios, que não impedem a fecundação mas sim a nidificação (DIU);
 - as “pílulas do dia seguinte”, que impedem a nidificação (RU486) e provocam uma menstruação, tenha ou não havido nidificação ou mesmo fecundação; e, mais recentemente, as pílulas do tipo Norlevo.
 - e, infelizmente em certos casos, o aborto, terapêutico ou não.
- Métodos mutilantes:
Recordemos algumas decisões mais extremadas:
 - a modificação voluntária da capacidade de procriação (laqueação das trompas, vasectomia, etc.);

Para cada um desses métodos, convém considerar o ensino do Magistério e os aspectos práticos: inocuidade, eficácia, facilidade de utilização, reversibilidade, independência, e tomar conscientemente a partir deles as decisões relativas ao casal, na sua situação atual. As reflexões em torno da consciência vistas no capítulo anterior e as questões que abordaremos a seguir devem ajudar no discernimento e na decisão de cada casal.

A respeito da fecundidade, que nos diz, em síntese, o Magistério, intérprete encarnado da Palavra de Deus?

- No mesmo ato, desde a Criação, estão unidos a expressão do amor entre o homem e a mulher e o poder de transmitir a vida; para respeitar este plano de Deus, convém que estes dois aspectos continuem intrinsecamente unidos.
- “Não matarás” foi sempre um dos mandamentos essenciais dados por Deus ao seu povo. A Igreja tem-se mantido constante em relação a esta exigência de respeito pela vida, desde a sua origem.

Nesse campo, “ a teologia do corpo não é tanto uma teoria, quanto uma pedagogia do corpo, específica, evangélica e cristã. Isto decorre do caráter da Bíblia, e principalmente do Evangelho que, como mensagem salvífica, revela ‘o que é o verdadeiro bem do homem’, no objetivo de modelar – em vista deste bem – a vida na terra na perspectiva da esperança do mundo futuro” (id.)

Perguntas

Para o diálogo em casal

- O que significa para o nosso casal a palavra “fecundidade”? Quais são as várias fecundidades do nosso casal? Como têm evoluído ao longo da nossa vida conjugal?
- Podemos expressar, enquanto casal, o que é fonte de fecundidade interior: vida sexual, relação amorosa, outras fontes de fecundidade...?
- Num “dever de sentar-se”, vejamos juntos a nossa atitude face à fecundidade, na situação em que estamos: método de regulação da natalidade, procura de procriação, fecundidade social, associativa, política, eclesial...
- Vejamos como a nossa sexualidade está imbuída de respeito pelo outro e visa a procura de um equilíbrio face à expressão da sexualidade de cada um.

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Desde o início, Deus quis que estivessem unidos no mesmo ato a expressão do amor entre o homem e a mulher e a possibilidade de transmitir a vida. A Igreja sempre pediu que esta intenção inicial de Deus fosse respeitada. Como manter o encanto que este liame suscita para que ilumine os nossos juízos de valor e as nossas escolhas?
- “A vida humana é sagrada, pois desde a origem envolve diretamente a ação criadora de Deus.”³¹ Estamos aqui na linha direta do Decálogo: “não matarás”. Buscamos formar a nossa consciência neste aspecto, procurando, por exemplo, conhecer os movimentos que trabalham em prol do respeito pela vida ou lendo a encíclica *Evangelium Vitae*?
- Dedicamos tempo a informar-nos acerca dos progressos da ciência e dos graves problemas éticos levantados por algumas das suas aplicações? Estatuto do embrião, clonagem, fertilização in vitro e transferência de embriões, inseminação, diagnóstico pré-natal, aborto terapêutico...?

Oração

Texto para a oração - Gen 1,28-31 :

Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”.

Deus disse: “Dou-vos todas as ervas que dêem semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dêem semente; isso será o vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas”. E assim se fez.

Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia.

Textos de acompanhamento

31. João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*.

Vem, meu amado

Vem, meu amado

Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim.

Vem, meu amado, vamos ao campo, pernoitemos
sob os cedros;

madruguemos pelas vinhas,

vejamos se a vinha floresce.

se os botões estão se abrindo,

se as romeiras vão florindo:

lá te darei o meu amor...

As mandrágoras exalam seu perfume; à nossa
porta há de todos os frutos:

frutos novos, frutos secos, que eu tinha guardado,
meu amado, para ti.

Cântico dos Cânticos 7, 11-14

Aspecto libertador e construtivo da Lei

“É somente aos poucos que o ser humano consegue hierarquizar e integrar as suas múltiplas tendências até ordená-las harmoniosamente nessa virtude de castidade conjugal em que o casal descobre o seu pleno desabrochar humano e cristão. Esta obra de libertação, porque é de fato uma, é fruto da verdadeira liberdade dos filhos de Deus, cuja consciência exige ao mesmo tempo ser respeitada, educada e formada, num clima de confiança e não de angústia, em que as leis morais, longe de terem a frieza desumana de uma objetividade abstrata, existem para orientar o casal na sua caminhada. Com efeito, quando os esposos se esforçam, paciente e humildemente, sem se deixarem desencorajar pelos fracassos, por viver em verdade as profundas exigências de um amor santificado que as regras morais lhes recordam, estas deixam de ser rejeitadas como um entrave e passam a ser reconhecidas como um poderoso auxílio”.

Extraído do Catecismo da Igreja Católica³²

Discernir o essencial

32. Números 2360 a 2379.

É com um ato capaz de transmitir a vida que manifestamos o nosso amor. É com o mesmo gesto que se dá a vida e que se diz o seu amor. Dissemos que devia ser sempre um ato de amor. Deverá ser sempre um gesto que dá vida? Que dá sempre vida sabemos que não é. Mas, para a *Humanae Vitae*, “todo ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida” (nº 11), o que implica “que não deve prejudicar a disponibilidade para transmitir a vida”.

Que quer dizer isto? Será preciso que, cada vez que um casal se une, deseje transmitir a vida? Certamente que não. A Igreja reconhece aos pais o direito de determinarem o número de filhos e, conseqüentemente, de decidir não os ter no momento ou nunca mais os ter. A *Humanae Vitae* recorda: “A paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento” (nº 10).

Se “todo ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida”, será legítimo um casal unir-se quando sabe que esse gesto não pode realmente transmitir a vida (em caso de esterilidade, após a menopausa, durante a gravidez ou nos períodos estéreis do ciclo da mulher)? Houve algumas hesitações a este respeito nos primeiros tempos da Igreja, mas a resposta é, sem hesitação, sim. Esses atos, mesmo que sejam apenas atos de amor, mantêm todo o seu valor.

Para citar a *Humanae Vitae*: “não deixam de ser legítimos se, por causas independentes da vontade dos cônjuges, se prevê que vão ser infecundos, pois que permanecem destinados a exprimir e a consolidar a sua união” (nº 11).

Se “todo ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida”, poderá um casal escolher unir-se apenas durante os períodos estéreis? Claro que sim, se não se tratar de uma recusa absoluta à vida. É preciso formular esta pergunta: por que recusamos ter filhos neste momento? Por egoísmo? Por amor ao conforto? Para conservar a nossa liberdade (carro,

casa, viagem)? Ou por amor (bem-estar dos filhos que já existem, saúde da mãe)? Um motivo egoísta não justifica nenhum método, mesmo aprovado pelo Papa. É no coração, em primeiro lugar, que é preciso manter-se aberto à vida.

Pode um casal unir-se impedindo voluntariamente que esse ato transmita a vida? É aqui que intervém a recusa da *Humanae Vitae*: “É de excluir toda ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento das suas conseqüências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação” (nº 14). É com um ato que não tenha sido voluntariamente privado da sua capacidade de transmitir a vida que um casal deve amar-se. Se o casal quiser unir-se e não ter filhos, é preciso que isso seja feito com um gesto da mesma natureza que aquele que teria permitido ter filhos em outra altura. Caso contrário, perde-se a intenção inicial: já não é com um gesto que poderia dar vida que eu manifesto o meu amor. É isto que a *Humanae Vitae* explica: “há uma conexão inseparável que Deus quis e que o homem não pode alterar por sua iniciativa entre os dois significados do ato conjugal: a união e a procriação... Salvaguardando estes dois aspectos essenciais, união e procriação, o ato conjugal conserva integralmente o sentido de amor mútuo e verdadeiro e a sua ordenação para a altíssima vocação do homem à paternidade” (nº 12).

A Igreja acredita que a sexualidade se desvaloriza se separarmos amor e abertura ao filho. Ninguém contesta isso. A discussão tem a ver com o fato de se saber se essa abertura diz respeito apenas ao coração ou se deve ser necessariamente significada desse modo e corporalmente em cada ato. Se um casal recusa os filhos para o bem dos filhos que já existem ou prefere esperar para acolher o filho em melhores circunstâncias, poder-se-á dizer que essa recusa da vida agora é uma recusa total da vida? Recusar a fecundidade hoje não é fechar-se à vida, mas é conseqüência do acolhimento à vida ontem ou da disponibilidade para acolhê-la amanhã. Esta abertura de toda a vida não será suficiente? A abertura ao nível do coração não

bastará sem ser necessário significá-la sempre ao nível do corpo? Era esta a opinião da maioria dos teólogos consultados por Paulo VI, mas o Papa decidiu categoricamente: é também na estrutura física de cada ato de união que isso se deve manifestar. É a verdadeira forma de manifestar a união dos dois aspectos indissociáveis da sexualidade.

Não há dúvida que o desejável seria que cada ato pudesse unir os dois aspectos. Os casais que viveram tranqüilamente esta forma de regulação podem dizer quanto isso foi benéfico para eles. Experiências de informação e de sensibilização mostram que esta regulação é mais fácil de concretizar do que se diz. Seria mesmo desejável do mero ponto de vista humano ou médico. O método de contracepção menos pesado do ponto de vista humano, o que tem menos conseqüências nefastas, é certamente a abstinência periódica. Esta contracepção sem violência, em que se vive em harmonia com os ritmos do corpo aproveitando os seus períodos estéreis, é certamente menos perigosa para o corpo do que os métodos que o agridem, tais como as pílulas utilizadas durante longos períodos, sem falar do dispositivo intra-uterino ou dos “mini-abortos” repetidos. Curiosamente, são os ecologistas, preocupados com as agressões que as técnicas modernas infligem à natureza, que hoje reconhecem ter havido sabedoria nas palavras do Papa. Se tivesse sido gasto dinheiro suficiente para desenvolver indicadores fiáveis para anunciar a iminência da ovulação e, portanto, reduzir ao mínimo a abstinência garantindo ao mesmo tempo a segurança, ter-se-ia talvez trabalhado num caminho mais prometedo. Se um casal pode, sem dificuldade, assegurar assim uma regulação eficaz da natalidade, é com certeza dessa forma que deve agir. Alguns talvez tenham decidido depressa demais que não havia nada a procurar por este lado.

Isto é desejável, mas nem sempre realizável. Pode acontecer que alguns casais devam ou queiram legitimamente evitar um novo nascimento e não tenham outros meios senão o recurso contraceptivo para garantir eficazmente essa regulação. A adesão ao pensamento do Papa não deve levar a afirmar demasiado

depressa que quem elimina artificialmente a possibilidade de conceber um filho reduz a união conjugal a uma ocasião para satisfazer o próprio egoísmo. Isso seria admitir que, cada vez que a concepção não é possível, o ato de união não passa de um ato de egoísmo. É que se pode utilizar os meios artificiais com muito amor no coração pela mulher e pelos filhos. É porque um homem ama a mulher que não lhe quer impor cargas muito pesadas para ela, para a sua saúde e para a família, e porque, neste caso particular, não encontrou outros meios eficazes. Era o que diziam os bispos franceses em 1968: “Ninguém ignora as angústias espirituais com que se debatem os esposos sinceros, em particular quando a observância dos ritmos naturais não consegue dar uma base suficientemente segura à regulação da natalidade. Por um lado, têm consciência do dever de respeitarem a abertura à vida de todo ato conjugal; mas também julgam, em consciência, dever evitar ou adiar um novo nascimento e não podem confiar nos ritmos biológicos.

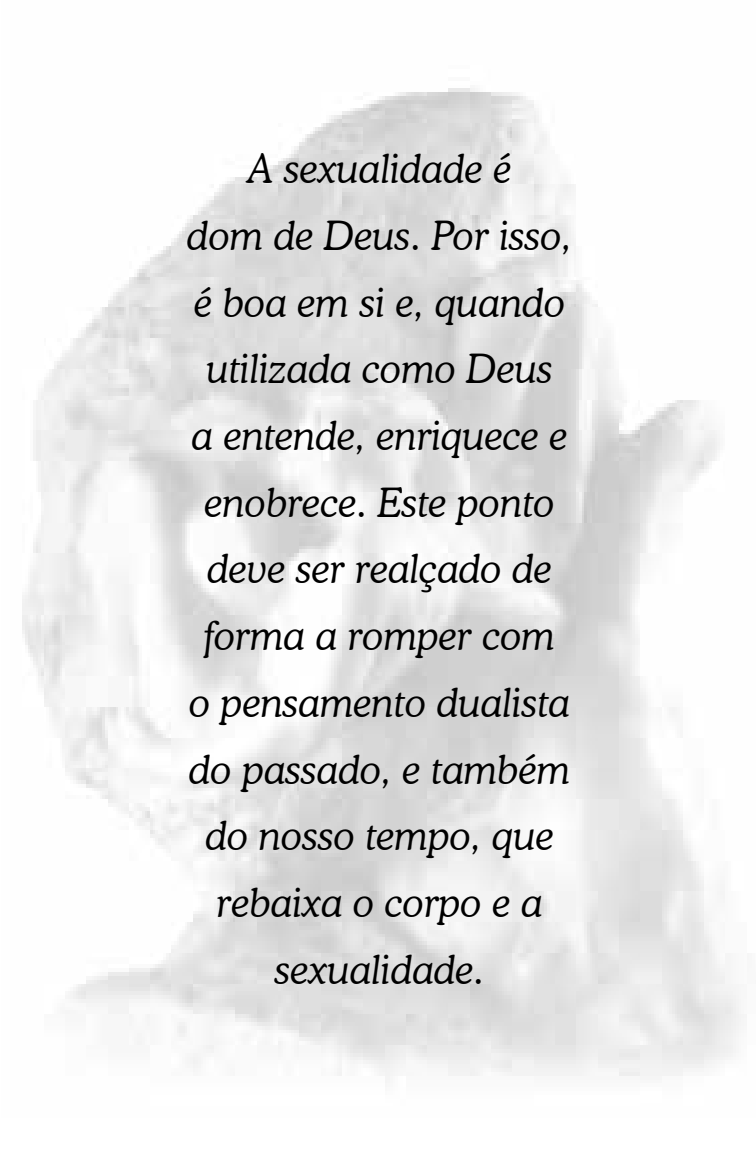
Por outro lado, no que lhes diz respeito, não vêem como renunciar à expressão física do seu amor sem que a estabilidade do seu lar seja ameaçada. A este propósito, lembraremos apenas o ensino constante da moral: quando se está perante uma alternativa de deveres em que, qualquer que seja a decisão tomada, não se pode evitar um mal, a sabedoria tradicional prevê que se procure diante de Deus qual é neste caso o dever maior. Os esposos decidem-se após uma reflexão comum feita com todo o cuidado que a grandeza da sua vocação conjugal exige.” Não havia aqui desprezo algum pela palavra do Papa. Como tudo o que é importante não é simultaneamente possível, é preciso salvaguardar o que é mais importante. E o mais importante é a sobrevivência do casal.

Havia quem estivesse pronto a dizer aos casais: “Nesse caso, só há uma solução: abster-se enquanto essa situação durar”. Mas o casal tem tanta necessidade de amor como de filhos. Por que os esposos deveriam esperar ser definitivamente infecundos para de novo expressarem fisicamente o seu amor? Por que os que têm a sorte de ser fecundos haveriam de ser

penalizados em relação aos que o não são? Se estes podem usar da sexualidade “para exprimir e consolidar a sua união”, como o reconhece a *Humanae Vitae*, não terão aqueles a mesma necessidade? E poder-se-á pedir aos casais que se abstenham tanto tempo, correndo o risco de esquecer a resposta de S. Paulo a quem lhe perguntava se seria bom que o homem se abstinésse da sua mulher: “Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acordo e por algum tempo, para vos dedicardes à oração; depois, voltai de novo um para o outro, para que Satanás não vos tente” (1 Cor 7,5)? Será S. Paulo menos atual hoje do que ontem?

Eis o que está em jogo. Compete a cada casal decidir o que deve fazer procurando o que é mais importante e mais urgente a seus olhos. Porque é sempre à consciência que compete decidir em última instância. A consciência não pretende determinar o que em si é bem ou mal, mas tem a missão de escolher o que se deve fazer numa situação concreta para salvaguardar o essencial, levando em conta os apelos ouvidos, as imposições e o que é possível. Ninguém pode fazê-lo em seu lugar. Apesar de tudo, será sempre necessário recordar que esses problemas de métodos contraceptivos, por mais importantes que sejam, não são nem tudo da sexualidade nem tudo da vida do casal, nem tudo da vida. Nem é toda a vida cristã que está em jogo. O essencial continuará sempre a ser a orientação espiritual profunda da vida do casal. Se um casal coloca toda a sua vida sob o signo do amor, de uma profunda união com o Senhor e de um dom autêntico aos outros, tanto no lar como nos ambientes que frequenta, esse casal saberá encontrar o seu caminho, mesmo nas situações mais difíceis. Poderá hesitar ou enganar-se, poderá até conhecer fraquezas, mas nunca se perderá por muito tempo. Não há melhor fiança para discernir diante de Deus o que é verdadeiramente essencial.

Pe. Charles Bonnet
“À propos de *Humanae Vitae*”,
artigo publicado na revista *Alliance*, nº 71.



A sexualidade é dom de Deus. Por isso, é boa em si e, quando utilizada como Deus a entende, enriquece e enobrece. Este ponto deve ser realçado de forma a romper com o pensamento dualista do passado, e também do nosso tempo, que rebaixa o corpo e a sexualidade.

Capítulo 8

“GLORIFIcai A DEUS NO VOSSO CORPO” (1 COR 6,20)

O vosso corpo é templo do Espírito Santo

Testemunhos

“Estou cansado até à indiferença daqueles que falam mal da carne. Ou a chicoteiam e a cansam como um animal de carga e, depois de lhe terem pedido o que ela não quis dar, queixam-se da sua fragilidade; ou então acorrentam-na como um animal feroz que estivesse à espreita do espírito para devorá-lo, sem ver que o grande combate se trava no próprio interior desse espírito. Isto não é senão a projeção na carne da impureza da alma, em suma, a necessidade de um bode expiatório.”

Gustave Thibon³³

“O corpo é feito para a alma, para traduzi-la, para fazê-la desabrochar e para dá-la.”

Jean Mouroux³⁴

Elementos de Reflexão

Introdução

Nesta etapa do tema, chegamos, de certa forma, ao cume da nossa reflexão, pois não estamos falando de elementos dissociados ou de etapas isoladas e de teorias mais ou menos bonitas e talvez utópicas, mas da nossa realidade concreta de casais cristãos que vivem um sacramento da Igreja. Temos que integrar os dados de que falamos nos capítulos anteriores e procurar fazer a sua síntese, numa recapitulação que nos possa dar uma visão de conjunto de toda a nossa procura e de todos os dados

33. Escritor e filósofo francês. “Notre regard qui manque à la lumière”

34. Teólogo francês. “Sens chrétien de l’homme”

da nossa experiência.

Com efeito, é intenção deste último capítulo encontrar a chave que possa abrir-nos à convicção de que a nossa vida matrimonial se baseia numa vontade muito explícita do Deus Criador, e que, em todos os níveis da nossa vida a dois, essa vontade se explicita por meio de uma descoberta da nossa dimensão transcendente. Trata-se de passar, como sugere o título do capítulo, do corpo à pessoa, do carnal ao espiritual, numa palavra, de acreditar na extraordinária possibilidade da santificação do nosso amor, em todos os campos da nossa relação conjugal.

Abordagens

Na nossa preocupação de precisão, e no nosso desejo de encontrar a expressão do pensamento atual, retomamos muito simplesmente, e quase sem comentários, uma série de textos, documentos e alocuções do Papa João Paulo II³⁵.

Para uma teologia mais positiva da sexualidade

- A sexualidade é dom de Deus. Por isso, é boa em si e, quando utilizada como Deus a entende, enriquece e enobrece. Este ponto deve ser realçado de forma a romper com o pensamento dualista do passado, e também do nosso tempo, que rebaixa o corpo e a sexualidade.
- A sexualidade é uma força orientada para a relação. Não é apenas a capacidade de realizar atos específicos. Faz parte da nossa força ou da capacidade natural que Deus nos dá para estabelecer relações com outrem. Dá cor às qualidades de sensibilidade, de calor, de abertura e de respeito mútuo nas nossas relações interpessoais. Neste nível, é importante notar que a sexualidade humana se reveste também de uma dimensão social. Enquanto parte integrante da nossa natureza, influencia as nossas relações e o nosso equilíbrio ao nível da sociedade, bem como as nossas relações pessoais com outras

35. Documentation Catholique – Questions actuelles, n° 8: “La sexualité, un don de Dieu”.

pessoas.

- Assim entendida, a sexualidade não se pode confundir com a genitalidade, conceito mais restrito, que diz respeito às expressões físicas da sexualidade orientadas para a união genital. O contexto particular do casamento é necessário na suprema expressão física da sexualidade, para servir o amor humano e a vida humana com generosidade, sem o engodo que constituem as relações antes do casamento e fora dele. A complementaridade da sexualidade (homem e mulher) e o seu ardente dinamismo orientado para a união refletem em termos humanos a unidade dinâmica que existe no Deus Trino. Assim, a diferença entre os sexos é visivelmente boa e querida por Deus desde o princípio como parte integrante da sua própria revelação. E assim também se percebe a necessidade de integridade simultaneamente física e psíquica no ato da união sexual, pela qual os esposos se exprimem e se realizam.

O homem tornou-se “imagem e semelhança de Deus” não só mediante a própria humanidade, mas também mediante a comunhão de pessoas que o homem e a mulher formam desde o princípio... O homem torna-se imagem de Deus no momento da solidão e mais ainda no momento da comunhão. “Ele de fato é, desde o princípio, não só imagem em que se espelha a solidão de uma pessoa que governa o mundo, mas também e essencialmente imagem de uma imperscrutável comunhão divina de pessoas” (entre aspas: o pensamento de João Paulo II nas suas alocações; ver *L’Osservatore Romano* de 15.11.79 ³⁶).

Precisamente a função do sexo que é, em certo sentido, “constitutivo da pessoa” (não apenas “atributo da pessoa”) é mostrar quão profundamente o ser humano, com toda a sua solidão espiritual, com a unicidade e irrepetibilidade própria da pessoa, é constituído pelo corpo enquanto “ele” ou “ela”. A

36. Citações transcritas da edição semanal portuguesa de *L’Osservatore Romano*, cujas datas são referidas (N. do T.).

presença do elemento feminino ao lado do elemento masculino que está ao seu lado, tem o significado de um enriquecimento para o homem em toda a perspectiva da sua história, incluindo a história da salvação” (Ibid., 22.11.79).

“O homem e a mulher constituem quase dois modos diversos do humano “ser corpo”, na unidade daquela imagem [de Deus]” (Ibid., 6 de Janeiro de 1980). “O corpo humano, com o seu sexo, a sua masculinidade e a sua feminilidade, visto no mistério mesmo da criação, é não só fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural, mas encerra “desde o princípio” o atributo “esponsal”, isto é, a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e – mediante esse dom – realiza o sentido mesmo da sua essência e da sua existência” (Ibid., 20.01.80).

“A consciência do significado do corpo que disso deriva – em particular do seu significado “esponsal” – constitui o elemento fundamental da existência humana no mundo... O corpo tem um significado “esponsal” porque o homem-pessoa, como diz o Concílio, é uma criatura que Deus quis por si mesma, e que, ao mesmo tempo, não se pode encontrar plenamente senão mediante o dom de si mesma” (Ibid., 20.01.80).

O homem, imagem do Deus amor³⁷

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27). Chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor.

Deus é amor (1 Jo 4,8) e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nela a vocação ao amor e à comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes (Gaudium et Spes, 12). O amor é, portanto, a fundamental e inata vocação de todo ser humano.

Porque o homem é um espírito encarnado, isto é, uma alma que se exprime num corpo e um corpo animado por um espírito

37. Exortação Apostólica Familiaris Consortio, 11.

imortal, o homem é chamado ao amor na sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual.

A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar na sua totalidade a vocação da pessoa humana ao amor: o matrimônio e a virgindade. Um e outro, na sua respectiva forma própria, são a concretização da verdade mais profunda do homem, o seu “ser à imagem de Deus”.

Por conseqüência, a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se dão um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é algo de puramente biológico, mas diz respeito à pessoa humana como tal no que ela tem de mais íntimo. Esta só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integrante do amor com o qual homem e mulher se comprometem totalmente um para com o outro até a morte. A doação física total seria uma mentira se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, estivesse presente. Se ela se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente no futuro, só por isso já não seria uma doação total.

Esta totalidade, exigida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências da fecundidade responsável: destinada à geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, cujo crescimento harmonioso exige de cada um dos pais contributo permanente e concorde.

O “lugar” único, que torna possível esta doação segundo toda a verdade, é o matrimônio, isto é, o pacto de amor conjugal ou a escolha consciente e livre pela qual o homem e a mulher acolhem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus (*Gaudium et Spes*, 48), que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado. A instituição matrimonial não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas sim uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade

ao desígnio do Deus Criador. Longe de diminuir a liberdade da pessoa, esta fidelidade protege-a contra qualquer subjetivismo ou relativismo e a faz participar da Sabedoria criadora.

O matrimônio e a comunhão entre Deus e os homens³⁸

A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra expressão significativa na aliança nupcial realizada entre o homem e a mulher.

É por isso que a palavra central da Revelação, “Deus ama o seu povo”, é também pronunciada através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher declaram o seu amor conjugal. O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo (cf. Os 2,21; Jr 3,6-13; Is 54). E até o pecado, que pode ferir o pacto conjugal, torna-se imagem da infidelidade do povo para com o seu Deus: a idolatria é prostituição (cf. Ez 16,25), a infidelidade é adultério, a desobediência à lei é abandono do amor nupcial para com o Senhor. Mas a infidelidade de Israel não destrói a fidelidade eterna do Senhor e, por conseguinte, o amor sempre fiel de Deus é apresentado como modelo das relações de amor fiel que devem existir entre os esposos (cf. Os 3).

Jesus Cristo, esposo da Igreja,
e o sacramento do matrimônio³⁹

A comunhão entre Deus e os homens encontra a sua definitiva realização em Jesus Cristo, o esposo que ama e se doa como Salvador da humanidade, unindo-a a Si como seu corpo.

Ele revela a verdade originária do matrimônio, a verdade do “princípio” (cf. Gn 2,24; Mt 19,5) e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente.

Esta revelação atinge a plenitude definitiva no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, ao assumir a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de si mesmo na

38. Exortação Apostólica Familiaris Consortio, 12.

39. Exortação Apostólica Familiaris Consortio, 13.

cruz pela sua Esposa, a Igreja. Neste sacrifício manifesta-se inteiramente o desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação. O matrimônio dos batizados torna-se assim o símbolo real da nova e eterna Aliança, selada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, dá-lhes um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge a plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico pelo qual os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se doa na Cruz.

Numa página merecidamente famosa, Tertuliano exprimiu bem a grandeza e a beleza da vida conjugal em Cristo: “Como poderei descrever a felicidade do matrimônio, que a Igreja favorece, que a oblação confirma, que a bênção sela; os anjos proclamam, o Pai celeste ratifica... Que casal este, formado por dois cristãos unidos por uma só esperança, um só desejo, uma só disciplina, o mesmo serviço! Ambos filhos do mesmo Pai, servos do mesmo Senhor; nada os separa, nem no espírito nem na carne; pelo contrário, são verdadeiramente dois numa só carne. Onde a carne é uma, um também é o espírito.” (Tertuliano, *Ad uxorem*, II, VIII, 6-8).

Ao acolher e meditar fielmente a Palavra de Deus, a Igreja tem solenemente ensinado que o matrimônio dos batizados é um dos sete sacramentos da Nova Aliança (Concílio de Trento, ses. XXIV). De fato, mediante o batismo, o homem e a mulher estão definitivamente inseridos na nova e eterna Aliança, a aliança nupcial de Cristo com a Igreja. E é em razão desta indestrutível inserção que a íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador (cf. *Gaudium et Spes*, 48), foi elevada e assumida na caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela sua força redentora.

Em virtude da sacramentalidade do seu matrimônio, os esposos estão unidos um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel. Pertencendo um ao outro, representam realmente, pelo sinal sacramental, a relação de Cristo com a Igreja.

Os esposos são, portanto, para a Igreja, a recordação permanente do que aconteceu na Cruz. São um para o outro, e para os seus filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os torna participantes. Deste acontecimento de salvação, o matrimônio, como cada um dos sacramentos, é memorial, atualização e profecia: “Enquanto memorial, o sacramento lhes dá a graça e o dever de recordar as grandes obras de Deus e de testemunhá-las junto aos filhos; enquanto atualização, de realizar no presente, um para o outro e para os filhos, as exigências de um amor que perdoa e que redime; enquanto profecia, de viver e testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo”⁴⁰.

Como cada um dos sete sacramentos, também o matrimônio é símbolo real do acontecimento da salvação, mas de um modo próprio. “Os esposos participam nele enquanto esposos, a dois como casal, a tal ponto que o efeito primeiro e imediato do matrimônio (*res et sacramentum*) não é propriamente a graça sacramental, mas o vínculo conjugal cristão, comunhão a dois tipicamente cristã porque representa o mistério da encarnação de Cristo e o seu mistério de Aliança. O conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa — apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade. O amor conjugal tem por fim uma unidade profunda pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, conduz a um só coração e a uma só alma; exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade (cf. encíclica *Humanae Vitae*, 9). Numa palavra, trata-se de características normais de todo amor conjugal natural, mas com um significado novo que não somente as purifica e as consolida mas as eleva a ponto de torná-las expressão de valores propriamente cristãos”⁴¹.

A nossa reflexão

40. João Paulo II, Discurso aos delegados do “Centre de Liaison des Equipes de Recherche” (3 de Novembro de 1979).

41. *Ibid.*

Os textos citados colocam-nos numa ótica sobrenatural, enraizada na realidade humana que vivemos. Lembram-nos as etapas da nossa caminhada, conduzindo-nos à santificação do amor através do sacramento que vivemos no nosso matrimônio. O encontro dos nossos corpos é um encontro de pessoas que se amam e que receberam do Criador o dom de poderem exprimir o seu amor numa intimidade sempre nova e cada vez mais orientada ao e pelo amor infinito de Deus. É uma comunhão de corpos que se torna comunhão de pessoas e que, pela graça do sacramento, se torna também um lugar que se pode chamar de sagrado, pois a presença de Deus e da sua graça lhe dá uma dimensão que ultrapassa a ordem natural.

Texto de apoio

“A partilha total entre dois seres é impossível e, cada vez que se julgasse ter-se realizado tal partilha, estar-se-ia perante uma união que privaria um dos parceiros, ou até os dois, da possibilidade de se desenvolver plenamente.

No entanto, quando se tiver tomado consciência da distância infinita que haverá sempre entre dois seres humanos, quaisquer sejam eles, torna-se possível uma vida maravilhosa “lado a lado”: será necessário que os dois parceiros se tornem capazes de amar essa distância que os separa e graças à qual cada um deles descobre o outro por inteiro...” (Rainer Maria Rilke⁴²).

O Novo Testamento...

Caríssimos,
se Deus assim nos amou,
devemos, nós também, amar-nos uns aos outros.
Ninguém jamais contemplou a Deus.
Se nos amarmos uns aos outros,
Deus permanece em nós,
e o seu amor em nós é perfeito ...
Deus é amor:

42. Escritor austríaco.

aquele que permanece no amor
permanece em Deus e Deus permanece nele.

1 Jo 4, 11-12, 16b

Oração

Para o diálogo em casal

- Lemos com atenção os textos do Magistério citados? Recomenda-se uma leitura progressiva em certos momentos de sossego... Talvez como início de um Dever de Sentar-se.
- Esses textos dão-nos uma dimensão mais profunda do sentido transcendente do nosso matrimônio no plano criador de Deus?
- Percebemos o sentido de dom total e de promessa que não falha (o sentido do amor esponsal indica um dom mútuo e irreversível)?
- Como esta reflexão reforça a nossa união, dando-lhe uma base sobrenatural no contexto da dinâmica dos sacramentos?
- Refletir com profundidade sobre o sentido espiritual do sacramento e a necessidade de dar testemunho dele. Rer os documentos do Magistério acerca do matrimônio.

Para a troca de idéias na reunião da equipe

- Partilhar as descobertas feitas em casal... Confrontar os vários pontos de vista e as perspectivas novas de cada um.

Oração

Texto para a oração - 1 Cor 6,5-15 :

Digo isto para confusão vossa. Não se encontra entre vós alguém suficientemente sábio para poder julgar entre os seus irmãos? No entanto, acontece que um irmão entra em litúgio contra seu irmão, e isto diante de infiéis! De qualquer modo, já é para vós uma falta a existência de litúgios entre vós. Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça? Por que não vos deixais, antes, defraudar? Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis a injustiça e defraudais ? E isto contra os vossos irmãos!

Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus. Eis o que vós fostes, ao menos alguns. Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus.

“Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas não me deixarei escravizar por coisa alguma. Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá aqueles e este. Mas o corpo não é para a fornicação, e, sim, para o Senhor, e o Senhor é para o corpo. Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-á também a nós, pelo seu poder.

Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não!

Textos de acompanhamento

Beija-me com beijos da tua boca

Beija-me com beijos da tua boca!

Teus amores são melhores que o vinho, o odor dos teus perfumes é suave, teu nome é como um óleo escorrendo, e as donzelas se enamoram de ti...

Arrasta-me contigo, corramos! Leva-me, ó rei, aos teus aposentos e exultemos! Alegremo-nos em ti! Mais que ao vinho, celebremos teus amores! Com razão se enamoram de ti...

Cântico dos Cânticos, 1, 2- 4

Os dois sacramentos

Quando da segunda das três audiências gerais do seu pontificado, o Papa João Paulo I falou brevemente aos jovens casais

acerca do sacramento do matrimônio. Transcrevemos aqui essas palavras pronunciadas a 13 de Setembro de 1978:

“(…) No século passado, havia em França um grande professor que ensinava na Sorbonne, Frédéric Ozanam. Era eloquente e muito generoso. Era amigo de Lacordaire, que dizia: “Ele é tão generoso e tão bom que ainda há de ser padre; há de ser um grande bispo”. Mas não foi assim. Conheceu uma moça e casaram-se. Lacordaire, mal feito da surpresa, dizia: “Pobre Ozanam, também ele caiu na armadilha!”. Dois anos mais tarde, Lacordaire veio a Roma e foi recebido por Pio IX: “Então, Padre, disse-lhe este, sempre ouvi dizer que Jesus instituiu sete sacramentos; e agora vem dizer-me que instituiu seis e uma armadilha! Não, Padre, o matrimônio não é uma armadilha, é um grande sacramento”. É por isso que dirigimos os nossos melhores votos a estes queridos jovens casais. Que o Senhor os abençoe. (…)

Documentation Catholique 1978, n° 1750, p. 866

Um outro olhar sobre o homem

O Deus único não é solitário. Quantos disparates se disseram acerca da Santíssima Trindade quando se procurou mostrar que a Santíssima Trindade é algo de ao mesmo tempo incompreensível e não contraditório!

Para a experiência mística, não há nada mais simples. A Santíssima Trindade quer dizer que Deus não é alguém que se olha e gira em torno de si mesmo, que se deleita consigo mesmo, mas que, pelo contrário, é alguém que se dá. Isto significa que Deus não é solitário, que não está diante de um rosto no qual se repetisse num terrível narcisismo.

Na Santíssima Trindade, o Pai está diante do Filho, o Filho diante do Pai no beijo do Espírito Santo. Isto significa que Deus é uma comunhão, uma respiração de amor, um despojamento, uma infância eterna, um nascimento inesgotável, uma novidade que brota sem cessar, enfim, uma pobreza ilimitada,

como S. Francisco bem adivinhou.

Reencontrar a Presença para não sermos entregues aos nossos instintos primitivos. É certo que a atual crise moral só será vencida na medida em que encontrarmos o verdadeiro Deus no fundo dos nossos corações, na medida em que encontrarmos o sentido da sua presença na nossa intimidade como uma exigência criadora, como uma exigência de grandeza, de liberdade e de universalidade.

A moral não é um freio; é o único meio de realizarmos a nossa vocação de deuses, o meio de chegarmos a ser deuses.

Na ausência de Deus, o nosso corpo escapa de nós como uma coisa, como um objeto entregue às solicitações mais cegas. O nosso espírito desregra-se na obscuridade dos seus jogos e curiosidades doentias, os nossos contatos com os outros se distanciam e se rompem porque deixamos de estar no circuito de luz e de amor onde o ser se afirma na plenitude da sua oferta. É neste circuito de luz e de amor que o ser “existe” como um “êxtase”, como um impulso para o outro, como um dom que responde ao dom eterno que é o próprio Deus.

Pe. Maurice Zundel⁴³

43. Un autre regard sur l'homme, Edition Le Sarmant – Fayard, p. 78, 299.

BIBLIOGRAFIA EM PORTUGUÊS

Documentos da Igreja:

Paulo VI – Encíclica *Humanae Vitae*, 1968

João Paulo II – “Homem e mulher” - Reflexões de João Paulo II sobre a corporalidade e a sexualidade humana à luz da Sagrada Escritura, Ed. Cidade Nova, 1987

João Paulo II – “O corpo e o coração” in *Libertar o coração do homem – subsídios para uma teologia do corpo*, Ed. Cidade Nova, 1984

João Paulo II – Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, A Missão da Família Cristã no Mundo de Hoje, 1981

João Paulo II – Carta às Famílias, 1994

Catecismo da Igreja Católica - nos. 2360 a 2379

Livros:

Angel González Núñez – O casal humano na Bíblia., Ed. Vozes, 1995

Battista Forsato - *Vida de casal – linhas de espiritualidade conjugal e familiar*, Ed. Paulinas, 1998

Enrique Fabri – *Casamento – entre a promessa e a fragilidade*, Ed. Paulinas

France Queré – *Sabedoria e loucura do amor segundo São Paulo*, in *Homem e mulher, a inapreensível diferença*, Ed. Vozes, 2002

Georgette Blaquièrre – *Coragem de viver o amor*, Ed. Santuário

Guy Durand – *Sexualidade e fé – síntese de teologia moral*, Ed. Loyola, 1989

Henri Caffarel – *O pensamento de Paulo VI sobre sexualidade, casamento e amor – Introdução e notas do Con. Caffarel ao Discurso do Papa às Equipes de Nossa Senhora, 4 de maio de 1970 - in Missão do Casal Cristão, págs. 84-104)*

Hildo Conte – *A vida do amor – o sentido espiritual do Eros*, Ed. Vozes, 2001

Igar Fehr, Maria Aparecida e – *Falando de espiritualidade conjugal*, 4a

- edição, Ed. Vozes, 1993
- Jack Dominican – Casamento, fé e amor, Ed. Loyola, 1997
- Jack Dominican – Fidelidade e perdão, Conferência no Encontro Internacional das E.N.S. em Santiago de Compostela, Carta Mensal n.360, dez. 2000
- Jacques Salomé – Casamento e solidão – como viver a dois permanecendo diferentes, Ed. Vozes, 1996
- Jaime Fernandez – Matrimônio, vocação de amor – diálogos Matrimoniais, Ed. Paulinas
- José Maria Monteoliva, SJ – O dilema da sexualidade, Ed. Loyola, 1990
- Louis Evely – Reinventar o Matrimônio, Ed. Paulus, 1998
- Luiz Marcello Moreira de Azevedo, Esther B.M.de Azevedo e – Matrimônio: para que serve este sacramento? Ed. Vozes, 1997
- Mary van Balen Holt – Casamento: uma união em quatro estações, Ed. Santuário
- Michel Laroche – Uma só carne – a aventura mística do casal, Ed. Santuário, 1985
- Pierre Debergé – O amor e a sexualidade na Bíblia, Ed. Santuário – Ed. Cidade Nova, 2003
- Sílvio Botero - O amor conjugal, fundamento do casal humano, Ed. Santuário, 2001
- Walter Kasper – Teologia do matrimônio cristão, Ed. Paulinas, 1992
- Xavier Lacroix – O casamento, sete respostas, Ed. Santuário, 2001
- Xavier Lacroix – A diferença sexual tem alcance espiritual?- e o Prefácio, in Homem e mulher – a inapreensível diferença, Ed. Vozes, 2002
- Yves Béguin – A dinâmica da intimidade, Ed. Santuário



Equipes de Nossa Senhora